

Biografia provisional de Mose Eakins

Evan Dara

Tradução e introdução por Lucas P. Lazzaretti¹

Em 1995, o 12º prêmio conferido pelo Fiction Collective Two (FC2) em seu já tradicional concurso de escrita ficcional, neste ano apoiado pela Universidade do Estado de Illinois e tendo como jurado William T. Vollmann, foi para um livro que desafiava os limites do gênero “romance” e para um autor que até então ninguém conhecia. *The Last Scrapbook* – passível de ser traduzido como *O caderno perdido*, *O scrapbook perdido*, *O álbum de recortes perdido*, etc. – tinha como autoria Evan Dara, um pseudônimo. A premiação já designava o ponto de nascimento da produção de Evan Dara: tanto era reconhecida a missão do FC2 de garimpar, editar e publicar livros *avant-garde* e de ficção experimental que buscassem ultrapassar as imposições mercadológicas, como também era já reconhecido, ainda que para um seletivo grupo de aficionados em literatura nos EUA, a inventividade, experimentalismo e coragem do hiper-produtivo Vollmann. O primeiro “romance” de Dara não foi publicado sem já estar, de alguma maneira muito peculiar, inserido em uma certa condição da literatura norte-americana *pós-pós-moderna*. E isso precisa ser esclarecido antes que se possa apresentar a obra de Dara, um autor desconhecido no Brasil e quase esquecido nos EUA.

O *hype* que se produziu internacionalmente e lentamente entre a década de 1990 e as duas primeiras décadas dos anos 2000 ao redor de certos autores norte-americanos que iniciaram suas produções na passagem da década de 1980 para a década de 1990, como é o caso de Jonathan Franzen e David Foster Wallace, cumpria um duplo desígnio: por um lado, respondia ao excelente trabalho realizado por estes escritores que apresentavam novas temáticas e novas estruturas narrativas de uma maneira incisiva e conscienciosa; por outro lado, respondia à lacuna deixada, tanto em um âmbito mercadológico quanto em um âmbito acadêmico, pelo fim do *hype* em torno dos escritores conhecidos como partícipes – sempre à fórceps – do pós-modernismo. Que os trabalhos de William Gaddis, Thomas Pynchon, John Barth, Donald Barthelme, William

¹ Pós-doutor em Teoria Literária pela UNICAMP. Doutor em Filosofia pela PUC-PR. Fellow na Kierkegaard House Foundation/St. Olaf College em 2018-2019. Publicou o romance *Sombreira* (2018) e o livro de contos *Placenta: Estudos* (2019) pela 7letras. E-mail: lucasplazzaretti@hotmail.com.

H. Gass, Robert Coover e tantos outros escritores tivessem renovado de maneira sensível a literatura norte-americana, disso não cabia nenhuma dúvida. Mas tanto as editoras quanto a academia já começavam a mover-se para um ponto em que se avengeava o esgotamento daquele modelo meta-narrativo, profundamente cerebral, irônico, cínico e por vezes demasiado intrincado. A literatura comercial continuava produzindo suas pérolas, mas era uma lacuna específica aquela que havia se produzido. Enquanto a ironia e a meta-narrativa, por exemplo, serviam para explicitar tanto a ruptura com certo tradicionalismo do fazer literário quanto a ruptura ao redor de certas temáticas – afinal de contas esses eram autores do pós-guerra e, portanto, de alguma “contracultura” –, esses mesmos elementos já não faziam sentido no final da década de 1980 e no começo da década de 1990.

O distanciamento que produzia a ironia e o afastamento que produziam esses intrincados jogos de meta-narrativa não pareciam corresponder às novas temáticas que abordavam esses autores, temáticas essas que pretendiam voltar a considerar as nuances da condição humana em contrariedade a uma análise mais ampla, macrocósmica e estrutural que faziam os pós-modernistas². Por certo que é possível constatar o “drama humano” também ali dentre os textos dos pós-modernistas, pois ainda que seus esforços meta-narrativos tenham sido muitas vezes levados até certo extremo, ainda assim há que se considerar que as narrativas não abandonam completamente a centralidade de experiências e vivências que se aproximam, mais ou menos, de uma concretude existencial. Ocorre, no entanto, que a ênfase e o enfoque não se voltavam para a construção de personagens à maneira do romanesco do século XIX, onde mesmo quando um retrato da sociedade era apresentado, como nos textos realistas, ainda assim era através da centralidade daqueles humanos demasiado humanos que a estrutura toda se realizava³. Para que a narrativa pudesse explorar seu alcance crítico e até mesmo

² Consideremos, por exemplo, os livros de Pynchon: a paranoia dos personagens apenas reflete a paranoia social e o maravilhoso tecido narrativo que é construído em uma intensificação da complexidade apenas serve para ilustrar o quanto tantos os personagens como os próprios leitores encontram-se perdidos na tentativa de conferir sentido através de uma interpretação que é sempre falha, enviesada e, no limite, impossível.

³ Note-se aqui a nuance desse traço, onde o que é caracteristicamente burguês no romanesco do século XIX é também aquilo que permitiria tanto uma crítica ao burguês quanto uma exaltação do anti-burguês. O caso mais emblemático é talvez aquele da análise de Lúkacs, em que se ataca o “modernismo” do começo do século XX e se privilegia o “realismo” por considerar que o primeiro traria uma carga burguesa demasiado acentuada, negando precisamente o caráter dubio desse “realismo” em sua estrutura literária. Em certo sentido, o que esse pós-modernismo norte-americano faz com essa troca de enfoque na centralidade e preponderância dos personagens, é buscar assegurar a base da realização narrativa sem ficar preso precisamente naquele elemento dubiamente burguês e anti-burguês que condicionava e

criativo, estuporando a suposição de existência de uma Verdade, fosse ela objetiva ou subjetiva, era necessário construir – ou meta-construir – uma forma de escritura que não caísse nas velhas armadilhas do “moderno”. Produções singulares como *Gravity’s Rainbow*, de Pynchon, *JR*, de Gaddis, *Giles Goat-Boy*, de John Barth, *Wittgenstein’s Mistress*, de David Markson e *Underworld*, de Don DeLillo, para citar alguns, são possíveis precisamente em função dessa conjuntura. Estendendo-se desde no mínimo meados da década de 1950 até o início dos 2000, essa tendência, mais acentuada até o fim dos 1980, ganhava em amplitude e parecia perder na singularidade. Ao ironizar e satirizar a pretensão de existência de um universal, o pós-modernismo perde, até certo ponto, o particular, o que é duplamente irônico, pois é precisamente esse o elemento que eles buscavam desconstruir.

Quando Vollmann, Foster Wallace, Frazen, Richard Powers, etc., iniciam suas produções, o meta-narrativo, o irônico, o sardônico e o satírico já haviam mostrado seu potencial e seu alcance, mas também havia, o pós-modernismo, evidenciado suas problemáticas lacunas. Não é estranho, então, que esses novos autores, declaradamente influenciados pelo pós-modernismo e por suas técnicas narrativas, fazem uso de recursos criados por Pynchon, Barth e Gass, ao mesmo tempo buscam encontrar uma abertura para que seja possível apresentar a concretude existencial que julgavam faltante nos seus predecessores. Não se trata, portanto, de retornar ao romanesco do século XIX, mas também não se trata de ficar preso aos meta-narrativos. Dois ou três exemplos devem servir para ilustrar essa passagem: *You Bright and Rise Angels*, de Vollmann, *Three Farmers on Their Way to a Dance*, de Powers e *The Broom of the System*, de Foster Wallace. Todos os três são os primeiros livros publicados por seus autores e todos os três claramente se valem de elementos narrativos próprios do modernismo, como a fragmentação, a polifonia, a ironia, a sagacidade brincalhona, a inserção de certos academicismos, a presença de elementos científicos, pseudocientíficos e tecnológicos, etc. Contudo, é notável nesses três livros o cuidado que os autores têm por comporem personagens que não sirvam a um “teatro universal” e, ainda, que não venham a recair em uma espécie de personagens-clichês que servem a explicitarem funções sociais. Vollmann, em seu jogo entre programação computacional e constituição narrativa, afirma logo no começo de seu romance que gostaria de poder salvar seus personagens. Foster Wallace coloca sua personagem Lenore Beadsman em

limitava o alcance de uma análise do âmbito social, cultural e político que se apresentava além da restrita extensão de uma subjetividade.

uma tentativa de estabelecimento de sua própria determinação existencial em contraposição com os impedimentos e limites da linguagem e, o que é ainda mais notável, com a presença de um personagem que é forçosa e propositadamente clichê, Rick Vigorous, um homem de meia-idade com crises de masculinidade. Ainda que ali esteja presente a crítica a uma crescente sociedade centrada e aprisionada pela tecnologia ou pela complexificação de um quadro cultural que converte tudo em commodities e em produto determinado e mediado pelo capital, ainda assim há um apelo à narratividade em um sentido mais existencialmente preponderante do que aquele muitas vezes caleidoscópico e amplo do pós-modernismo.

A publicação de *The Lost Scrapbook* não apenas insere-se neste contexto, mas é reforçada em sua singularidade quando se compreende que o que há de “experimental”⁴ naquele romance se dá por uma relação com essa linhagem da literatura norte-americana. Para início de conversa, Dara toma a noção de polifonia e a aumenta intensamente. Não há um ou outro personagem central e mesmo a própria noção de “personagens” parece ser rompida, pois o livro é precisamente aquilo que consta em seu título, um apanhado de vozes, relatos, diálogos, monólogos, casos que se desenvolvem e se alternam sem nenhum condicionamento textual que não a própria aparição no texto ele mesmo, um caderno de recortes. Narrados em primeira pessoa, esses casos/relatos/eventos são desenvolvidos com maior ou menor extensão e terminam exatamente como começaram, *in media res*; no meio de uma frase, de um parágrafo, após uma sequência de símbolos gráficos, da forma que for. Os leitores não são avisados quando e como se dá a passagem de uma para outra voz, nem tampouco há qualquer ligação essencial entre as temáticas desenvolvidas. O primeiro tópico narrativo trata de um adolescente que fugiu de casa sem que sua mãe sequer se dê conta de sua ausência, logo passando para um homem que fala sobre ter encontrado um caderno de recortes que pertencia ao seu avô. E assim o texto segue tratando de tópicos variados como musicologia, animação, comunicação, linguagem e linguística, política, publicidade e questões sobre a convivência social e sobre a noção de comunidade. Em

⁴ A atribuição de um caráter “experimental” a certos textos literários é problemática e parece responder antes a uma intenção exterior à própria literatura em que o “experimental” seria o antípoda do “convencional” e, por conseguinte, do “comercial”. No limite, todo texto literário é de alguma forma experimental tanto em sua estrutura narrativa – elementos de constituição – quanto em sua temática, o que pode ser confirmado com qualquer análise contextual-histórica de textos como o *Quixote*, ou *Decameron*, para não ter que apelar a Joyce e afins. A vinculação, nem sempre justificada, entre o “experimental” e o academicismo ou a simples “dificuldade de leitura” é, mais uma vez, uma determinação que privilegia a comercialização da literatura – a transformação da literatura em produto a ser determinado pelo seu valor de consumo – do que necessariamente diz algo sobre o próprio texto.

todos esses tópicos narrativos, no entanto, o que conduz o desenvolvimento em sua concretude é a própria existência desses personagens. Um homem que estuda musicologia, por exemplo, relata sua descoberta sobre questões envolvendo as obras de Beethoven ao mesmo tempo que narra a difícil relação com seu filho. Uma mãe lê para sua filha ainda bebê as cartas de uma amiga que estuda linguística. Essa mesma amiga, muitas páginas depois, aparece com sua própria voz para contar sua relação com Chomsky e, por sua vez, a relação do famoso linguista com a vida midiático-política dos EUA. O que pode ser uma constante ao longo do livro é a maneira com que essas narrações alcançam certo pico de intensidade e, ao chegarem ao topo, simplesmente dão lugar para um novo acontecimento narrativo, quase sempre mantendo a unidade de uma voz que conduz a narração. Isso se estende por pelo menos dois terços do livro até chegar a uma transição que altera a estrutura polifônica. Evan Dara repentinamente insere uma questão específica: um acidente ambiental ocorrido em uma cidade em Missouri, nos EUA, onde uma empresa contamina o solo e a água com químicos extremamente tóxicos. A explosão de vozes torna-se evidente e as conflitantes opiniões dos moradores, empregados da indústria, políticos, jornalistas e demais envolvidos vai criando a possibilidade narrativa daquele evento.

Em seu primeiro livro, Dara realiza o que muitos daqueles autores pós-pós-modernistas vinham buscando, mas certamente de uma forma singular, não só porque a sua abundância polifônica é bem engendrada a ponto de conduzir uma leitura excitante e envolvente, mas porque as vozes são cuidadosamente “encarnadas”, são tomadas de uma concretude que afasta aquele lastro arquetípico ou clichê que muitas vezes permeia tanto o pós-modernismo quanto o pós-pós-modernismo.

O segundo livro publicado por Evan Dara em 2008, *The Easy Chain [A Cadeia Fácil]* apresenta uma nova forma de concentrar o uso da polifonia. Publicado por meio de sua própria casa editorial, *Aurora*, o livro inicia apresentando as muitas opiniões, lembranças, palpites e suposições de inúmeras e desconhecidas vozes sobre a vida de um meteoro social que atingiu a cidade de Chicago. Lincoln Selwyn, filho de pais ingleses que cresceu na Holanda, vai até Chicago com o intuito de matricular-se em um curso de graduação de humanidades conhecido por seu rigor e pelos famosos nomes que ali lecionavam: Paul Ricoeur, Saul Bellow, entre muitos outros. Selwin rapidamente se torna uma figura cativante para a alta sociedade da cidade e passa a relacionar-se com o mundo de negócios mobilizando uma série de atividades, festas, recepções e reuniões que criam um alvoroço em torno de uma personalidade que parece escapar a qualquer

tentativa de fixação conceitual que não passe pelas determinações do capital, do valor de consumo e, ainda mais, da promoção publicitária. Todos os relatos do início do livro ocorrem após o desaparecimento de Selwin, um acontecimento que chocara essa alta sociedade e que escancarara alguns detalhes que os poderosos prefeririam ter deixado encoberto. A inserção de páginas sequenciadas em branco trata de expor exatamente esse desaparecimento e vazio. Retomado o texto, Dara alterna entre vozes conflitantes que narram os acontecimentos posteriores ao desaparecimento, inclusive com um longo trecho do que poderia ser considerado tanto como um monólogo-esquizofrênico como um poema.

O terceiro livro, publicado novamente por sua casa editorial, em 2013, *Flee* [Fuga], é consideravelmente mais curto que os dois primeiros. A polifonia está presente, porém mais à maneira do que aconteceu no final de *The Last Scrapbook* do que ao longo de *The Easy Chain*. O tema é o sumiço – ou a fuga – de uma cidade no estado de Vermont. Após constatada uma fraude na Universidade que concentrava boa parte da vida econômica da cidade de cerca de 40.000 habitantes, ocorrendo o repentino fechamento da instituição, os moradores começam a sentir as dificuldades financeiras e os reflexos são sentidos em todos os aspectos. Uma fuga em massa, é disso que se trata, mas também está ali presente as consequências de uma complexa conjunção de fatores: enfraquecimento da economia, crescimento de especulação imobiliária, perda de organização comunitária, individualismo e, por óbvio, predominância de uma determinação quase unicamente ditada pelos interesses capitalistas.

Evan Dara, o pseudônimo que nunca se manifestou em nenhuma entrevista e de quem ninguém sabe absolutamente nada, produziu três livros únicos. Sua última produção, no entanto, foi aquela escolhida como a primeira a ser traduzida para o português. Em 2018, Dara publicou no site de sua editora, <http://aurora148.com/>, um peça de teatro com o título *Provisional Biography of Mose Eakins*, disponibilizando-a para download com a condição de que os leitores, caso queira, possam fazer uma contribuição após terem realizado a leitura. A peça, apresentada em sua tradução na sequência, traz uma série de elementos evidentemente presentes em seus “romances”: crítica ao capitalismo e à sociedade de consumo e crítica à predominância midiática e publicitária. Há também a bem apresentada questão linguística, que está presente no próprio tema da peça, isto é, na doença sofrida pelo personagem Mose Eakins: a imparlência. Se é possível identificar nas obras de Dara uma crítica ao capitalismo midiático e totalitarista que comanda a sociedade, é também possível notar como o autor

preocupa-se em considerar como essa estrutura afeta a própria formação das personalidades, das psiquês e, para ser mais filosoficamente acurado, do *Self*. O que há de linguística, filosofia, sociologia, psicologia e afins – isto é, todo conhecimento acadêmico – é trazido para a peça com uma certa ironia. Dara aponta um traço muito pertinente: como é possível que esses conhecimentos “humanísticos”, que se alimentam do *Self*, dependem do *Self* e drenam todas as suas condições de possibilidade desse material indefinido que é o *Self*, podem, ao fim, não fornecer nada para ele, para o *Self*? Enquanto a obra de Dara não alcança a possibilidade de um reconhecimento midiático – aquele mesmo que o próprio autor ataca – no Brasil, um reconhecimento que permitiria a tradução e publicação de seus romances, introduzimos aqui um autor duplamente desconhecido para um público que poderá sentir o peso de sua literatura.

Biografia Provisional de Mose Eakins

PERSONAGENS

A peça demanda diversos personagens, muitos aparecendo muito brevemente, cujos papéis devem ser divididos em pelo menos sete atores, incluindo ao menos duas mulheres.

Todos os personagens devem ser individuados e distinguidos, cada qual com uma peça de roupa, objeto de apoio e/ou outras marcas identificadoras que claramente evidenciam a identidade do personagem.

Em paralelo, a peça demanda um grupo de presenças chamado Turbilhão, pessoas não-individuadas que vestem peças de roupa iguais e/ou portam alguma outra indicação de que são, quando no palco, parte do Turbilhão.

Atores e atrizes alternam entre os personagens e o Turbilhão.

O único personagem que não aparece como outro personagem ou como parte do Turbilhão é MOSE EAKINS, por volta de 35 anos e vivaz.

TEMPO: aprox. 2015

CENÁRIO: Tão vazio como puder ser. Duas cadeiras.

PRIMEIRO ATO

MOSE EAKINS vagueia pelo palco. Ele fala com uma série de pessoas que não estão presentes fisicamente.

MOSE: Diga-me, Jeff. Esses números são convincentes para você?

(para outra pessoa)

Traga o peixe-espada. Não grelhado. Entendeu? Não grelhado. Vai.

(para outra pessoa, alegremente)

Bem, você sabe o que dizem...

(para outra pessoa)

Legal, Zina – o gráfico está realmente bom. Zina, seus alunos vão amar!

(para outra pessoa, rindo)

Diga a ele isso e que ele com certeza vai ter um gatinho!

(para outra pessoa)

Roger, não use o Coeficiente Stern para tensão sísmica lateral! As condições de bombas na Nigéria não requerem isso! O fluxo é relativamente estável!

(para outra pessoa)

Claro. Claro.

(para outra pessoa)

Pelo contrário – sua ação genuína explicará a si mesma.

(para outra pessoa)

Escute, eu mereci isso. Ninguém me deu nada e eu nunca violei nenhuma lei. Eu não tenho que justificar nada para ninguém.

(para outra pessoa)

Mas Mondrian, com a sua, tipo, miscelânea de cores, ele, tipo, dá esse sentimento tipo –

(para outra pessoa)

Andy, cara – pode parar! Números! Me mostre números! Eu vou acreditar quando ver!

(para outra pessoa, enquanto cumprimentando com um high five)

Maravilhoso! Maravilhoso! Chris, você sabia que iria fazer o maior arremesso da história!

(para outra pessoa)

Agora você está falando: É o individual, o esforço individual que fez esse país. Liberdade de é liberdade para.

(para outra pessoa)

Ah. Deixe-me voltar a entrar em contato contigo na–

(MEMBRO DO TURBILHÃO 1 entra. Moses se afasta, continuando a gesticular como se estivesse falando)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Escutem aqui! Mose Eakins (nascido em 10 de junho de 1978) é um Norte-Americano analista de campo de risco trabalhando para Concord Oil. Especialista em extração de solo duro de nível médio, ele recebeu o Prêmio Kamden por sua pesquisa sobre proteção de fauna adjacente e às vezes dá palestras sobre isso.

(Mose vira-se para frente)

MOSE: Ok, Jake. Agora me mostra expandido com 200 milhas ao redor da plataforma.

(para outra pessoa)

Um chai latte de mirtilo e espinafre albino...?!

(para outra pessoa)

Bem... quer dizer, eu... Ok, pode contar comigo.

(Um colega entra, caminha até Mose, que fala com ele)

Jim, estamos pensando em um fim de semana em Boston em Julho. Você não estava lá recentemente?

(O colega acena e sai. RACHEL entra. Mose fala com ela empaticamente)

Eu sei. Eu sei.

RACHEL: Obrigado. Foi realmente difícil.

(Mose dá um abraço em Rachel. Ela sai. Mose então fala com um colega invisível passando:)

MOSE: Ah – Gerry, posso conseguir uma leitura sobre –

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Eakins nasceu em Charlotte, Carolina do Norte, criado em uma família de episcopais não praticantes. Nos últimos seis anos ele tem namorado com a professora de química do ensino médio, Zina Cordoi (nascida em 22 de agosto de 1981).

(Zina entra, anda até Mose)

MOSE: ...Então, e na quinta? Ou sábado, depois do mercado?

(Mose e Zina movem-se alguns passos.)

Então Ok, Zina – a janela está aberta agora, Ok?

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Eles se envolvem em uma ampla gama de atividades urbanas e periurbanas⁵.

(Mose e Zina sentam-se na beira do palco)

MOSE: ...E quando eu disse que ele era –

ZINA: Mose, olha quantas estrelas hoje à noite.

MOSE: Hum.

ZINA: No segundo em que você sai da cidade o que é natural, ele já se força sobre você.

MOSE: Ele...?

ZINA: Seu guaxinim sexista!

MOSE *(pausa)*: Você não quer dizer porco sexista...?

ZINA: Agora você vai começar com discriminação animal?

MOSE: Me desculpe. Da próxima vez que estivermos no Café Rose me lembre de pedir costeletas de guaxinim para você.

ZINA: Sim.

(pausa)

⁵ A periurbanização é o processo de expansão urbana para além dos limites residenciais e suburbanos, produzindo como resultado o desenvolvimento de atividades e estruturas urbanas mescladas com atividades e estruturas rurais. N. do T.

Incrível... Só um pouco de hidrogênio queimando e a distância desaparece. Todo esse punhado de estrelas – elas estão inconcebivelmente distantes. E estão bem aqui em nossas retinas.

MOSE: Hum. O que você acha de convidar o Carl para–

(Mose e Zina empurram o carrinho de compra lentamente, entrando em uma fila de caixa. Mose pega alguma coisa de uma prateleira)

Você quer...?

(Zina toma o objeto de Mose.)

ZINA: É 82 por cento – um pouco mais amargo que gostamos, mas... O cacau é do Peru.

MOSE: Então não, não precisamos... apenas um!

(Mose coloca duas barras de chocolate no carrinho. Então ele e Zina fazem aeróbica.)

ZINA: Hup! Hm hup!

(Eles passeiam por uma exposição de arte ao ar livre.)

MOSE: Hum. Olha o... Aqueles vermelhos e âmbar são realmente...

ZINA: O trabalho dele é como aquele litógrafo que nós vimos em–

(Eles participam em um protesto.)

MOSE E ZINA:

Os gatos gordos

Ainda mais engordam

Quando vocês pensam que seus votos não importam!

(Tagarelam com amigos)

ZINA: E é claro que você sabe o que a Jan quer melhor do que ela–

(Ela se sacode)

Ow!

(para Jan, brincalhona) Desculpe!

MOSE: Então quando a conta finalmente veio, o que–?

(Mose e Zina sentam-se na beira do palco.)

ZINA: Então... então eu...

MOSE: O que—

ZINA: Quero dizer—

MOSE: Você—

ZINA: É como—

MOSE: Exatamente. Realmente, nós estamos em sintonia.

ZINA: Hum. Você ainda ouve rádio?

(Eles sorriem. Pausa.)

MOSE: Vamos para a minha casa hoje à noite?

ZINA: Talvez possamos ir para a minha. Eu tenho – graças a Deus – talvez as últimas oito provas para dar nota.

MOSE: Claro. Quer ir embora agora?

ZINA: Eu nunca quero ir embora daqui. Seria rude com todas as estrelas deixá-las tão rapidamente.

MOSE: Apenas diga que temos trabalho.

ZINA: Não se preocupe. Elas sabem.

MOSE: Hei, o Gary disse alguma coisa sobre—

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Considerado um trabalhador metuculoso e disciplinado, Eakins também aproveita do acesso ao spa dos empregados da Concord Oil.

(Com a Zina virada, Mose joga pingue-pongue ardentemente.)

No dia 15 de Maio de 2015...

(É de manhã, e Mose e Zina se preparam para sair para o trabalho.)

MOSE: Ok, Zin. Então, na sexta à noite nós vamos na Michaela e no Ken?

ZINA: Oh, eu recebi um whatsapp da Michaela que eles confirmaram.

MOSE: Legal. Ok, vejo você à noite lá pelas sete, querida.

(Mose beija Zina, sai para o trabalho. Ela sai. Em seu escritório Mose passa por um colega (visível), MIKE.)

Hei, Mike, como vai?

(Mike faz um cumprimento amigável. Mose então conversa com a colega CHRISTINE.)

Christine, temos um momento para falar sobre o Texas? O conselho de zoneamento agora quer uma declaração de impacto.

CHRISTINE: Exultação total.

MOSE: Ok... Talvez na minha sala às três?

CHRISTINE: Hei – Eu estou absolutamente no controle.

(Christine sai, Mose olha para ela interrogativamente. Ele caminha, encontra o colega JEFF.)

MOSE: Oi, Jeff. Hei, se é que eu posso... A Christine está ok? Ela–

JEFF: Por que essa pressa em julgar?

MOSE: Bem, quero dizer que ela–

JEFF (aflito): Como ele pode dizer que eu sou “um pouco temperamental”?!

(Mose reage conforme Jess sai. Logo o colega ANDY vem vindo.)

MOSE: Andy, cara, alguém colocou alguma coisa na água hoje–?

ANDY: Hei, alguém está tipo realmente interessado em me criticar, você sabe do que estou falando? Realmente interessado em me fazer me sentir um merda.

MOSE: Andy – me desculpe, você... Eu alguma vez–?

ANDY: Eu não consigo o café de ninguém. Eu não consigo o café de ninguém!

MOSE: O que? Eu...

(ri)

Ah – ótimo! Muito engraçado! Ok, Andy, eu por meio deste, oficialmente o libero da necessidade de me trazer café. Hei – quem começou isso–?

ANDY: Eu consegui. Eu consegui o café. Eu sou tão... Hoje, em casa, uma grande, grande sessão de masturbação.

MOSE (*ri*): Exatamente! Ótimo! Hei, Andy – dê uma bela batida por mim!

(Mose ri, Andy sai. Mose aborda a colega LISA.)

Hei, Lisa – Pittsburgh é onde as hienas passam férias!

LISA: O que é isso?

MOSE: Pittsburgh é onde as hienas passa férias!

LISA: Espera. O que?

MOSE: Ah – desculpe! Você não – você não está em...?

LISA: O que você está—?

MOSE: Esquece – foi só uma... Ok, Li, fique bem.

(Mose vai. Então lembra algo e volta para Lisa.)

Li, você pegou os detalhes para a reunião de terça?

LISA: Suicídio...? Suicídio por ganhar cento e setenta gramas?

(Mose reage enquanto Lisa sai. Ele vai até seu chefe, RICARDO, que está ocupado com uma papelada.)

MOSE: Ricardo – hei, chefão. Chefão, você está ciente de alguma—?

RICARDO (*em seus pensamentos*): ... e se eu disser isso, eles vão me dar crédito pela ideia...

MOSE: Uh – exatamente! E eu acho que eles estão ali fora! Eu vou buscá-los!

(Mose escapa do escritório para a rua, onde pedestres passam. Mose se inquieta, pensa, aborda um pedestre.)

Com licença, você sabe onde fica a Rua Clark?

(O pedestre passa andando. Mose reage, então começa a indicar dor no peito, aborda o PEDESTRE 2.)

Meu Deus... Eu – eu acho que eu – Eu estou tendo um ataque cardíaco!

PEDESTRE 2 (*em seus pensamentos*): ... E eu acho que vou pedir o filé.

(Pedestre 2 sai caminhando. Mose corre de volta para dentro do edifício de seu escritório, então até Ricardo, que ainda está lidando com a papelada.)

MOSE: Ricardo, chefe – eh, você –?

RICARDO: Tire o resto do dia de folga!

MOSE: Uh – Ok. Obrigado. Acho que preciso!

(Mose começa a sair–)

RICARDO: Uma vez – só uma vez! Eu queria que alguém dissesse isso para mim.

(Mose para, se aproxima de Ricardo.)

MOSE: Ok. Ricardo – tire o resto do dia de folga!

RICARDO: Se eu demitir o Andy como uma medida eficiente eu posso argumentar por, quanto, quinze por cento do salário dele?

(Mose reage, então deixa o escritório e o edifício. Membro do Turbilhão 1 vem à frente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Um convicto racionalista, Eakins responde como se deve. Ele vai atrás de uma consulta médica.

(Aflito, confuso, Mose fala com o DOUTOR MACK.)

DOUTOR MACK: Então – o que parece ser o problema?

MOSE: Doutor, eu... É como se eu –

DOUTOR MACK: Hum hm...

MOSE: Quer dizer, tem algo – Eu não pareço estar–

DOUTOR MACK: Hum hm...

MOSE: Quero dizer, eu me sinto bem, mas quando eu, com outras pessoas–

DOUTOR MACK: Isso vai ser quatrocentos e cinquenta dólares.

(Mose reage, sai. Ele pega seu celular, digita, fala através dele.)

MOSE: Hei, Z, Zina, oi –

(Zina entra, falando no celular.)

ZINA: Hei. Como você–?

MOSE: Escute, Z – uma coisa aconteceu, e eu – eu não acho que hoje à noite é bom. Acho que não podemos nos encontrar depois do trabalho.

ZINA: Ok, como você quiser. Está tudo ok?

MOSE: Claro. Tenho um negócio no escritório. Ok? Grande, grande abraço.

(Ele desliga. Zina caminha até ele.)

ZINA: Oi, gato. O que vamos fazer hoje à noite?

MOSE *(confuso)*: Mas—

(Zina abraça Mose.)

ZINA: É bom ver você, querido—

MOSE: Hum, obrigado, Z – mas como eu mencionei, não acho que essa é a melhor noite para nós—

(Mose se afasta um passo.)

ZINA: Ah, Ok. Tanto faz. Faça o que você precisa.

MOSE: Obrigado, gata. Falo com você mais tarde.

ZINA: Escute... A Paula está fazendo a caçarola dela hoje à noite e ela me convidou. Vou estar na casa dela, Ok?

(Ela beija Mose, sai. Membro do Turbilhão 1 vem à frente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Às 19:17 do mesmo dia Eakins visita o neurologista educado em Princeton, Reginald Cooper.

(COOPER fica em pé próximo a MOSE. Pausa.)

COOPER: Hum hm –

MOSE: Doutor Cooper – por favor não diga ‘Hum hm’!

COOPER: Isso vai ser seiscentos e cinquenta dólares.

MOSE: O qu—?

COOPER: Isso vai ser setecentos e cinqu—

MOSE: Doutor – volte para ‘Hum hm’!

COOPER: Sua doença é muito, muito grave.

(Mose reage, rodopia, se aflige.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Quatro horas após sair do trabalho, Eakins está inseguro do que fazer, onde virar.

(MEMBRO DO TURBILHÃO 2 entra.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Ele passa a noite no parque Galsworthy, assistindo as simples interações dos transeuntes.

(Pessoas passeiam, conversam, riem, agem mal. Mose está temeroso, sente-se excluído.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Descrito pelo colega Andy Hopper como, cito, a pessoa com mais força de vontade na Concord Oil, fim de citação, Eakins continua a tentar entender.

(Mose aborda uma série de pessoas passando.)

MOSE: Com licença, senhor...

(A pessoa o ignora.)

Hum, Madame, você poderia...?

(A pessoa o ignora.)

Desculpe, mas eu poderia...?

(A pessoa lança uma olhadela para Mose, sai andando.)

Olá! Alguma chance de você...?

(A pessoa o ignora. Mose aborda outro transeunte mas perde o ânimo, se encolhe e escapole. Ele senta, desamparado.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: No dia 12 de maio de 2015, Eakins escuta falar do Doutor Julius Mazlane, professor adjunto de idiopatologia em Rutgers, conhecido por seu trabalho com desordens neuro-linguísticas –

(Mose corre para o Membro do Turbilhão 2.)

MOSE: Espera – existe um médico que se especializa nisso?

(Mose corre para o DOUTOR MAZLANE, que toma notas.)

Doutor – Doutor Mazlane...!

DOUTOR MAZLANE (no tom do ‘Hum hm’ do médico anterior): Entendo...

MOSE: Doutor, eu – alguma coisa, onde eu–

DOUTOR MAZLANE: Entendo...

(*Mose joga suas mãos para cima, olha para o céu. Doutor Mazlane volta repentinamente ao profissionalismo.*)

Ok. Obrigado. Realmente obrigado.

(*Mose reage. Mazlane olha os olhos e a garganta de Mose.*)

Eu reconheço imediatamente, mas queria confirmar meu diagnóstico com absoluta certeza. Sr... Sr...

MOSE: Eakins.

(*Não ouvindo Mose, Mazlane lê o nome de Mose no prontuário.*)

DOUTOR MAZLANE: ...Sr... Eakins, é bastante certo que, eu sinto informá-lo, você veio a ser afetado por uma condição–

MOSE: Doutor, por favor seja direto–

DOUTOR MAZLANE: – uma condição que nos últimos, ah, cinco a sete anos veio a ser conhecida como *imparlência*⁶.

MOSE: *Imparl*–?

DOUTOR MAZLANE: Parece ser uma desordem associada com–

MOSE: É perig–?

DOUTOR MAZLANE: –com a área de Broca no cérebro, a qual é localizada na parte frontal do hemisfério esquerdo cerebral. No momento, a etiologia é desconhecida. Em verdade, muitos aspectos da doença não são bem conhecidos.

⁶ Neologismo criado por Dara para designar essa doença de ordem linguística e social. Em inglês, no original, a palavra *imparlence* é grafada com um “e”, muito embora sua pronúncia se aproxime em grande medida da já existente *imparlance*. A palavra *imparlance*, já em desuso, tem o sentido de uma discussão ou conferência, usualmente aplicada ao tempo que era dado a uma das partes em um processo jurídico a fim de que esta pudesse estabelecer a proposta de um acordo amigável, também utilizada em um sentido pejorativo como um atraso proposital feito por uma das partes ao processo. No francês antigo a palavra *emparler*, que seria supostamente a origem do inglês *imparlance*, é um verbo com o sentido de endereçar a palavra a alguém ou então de conversar com alguém. A palavra francesa, por sua vez, teria sua origem no latim medieval *parabolo*, o qual poderia significar tanto o ato de tornar algo claro através de metáforas quanto o simples ato de comunicar-se com palavras. Dara utiliza do sentido de comunicação com palavras presente no latim, mas também se vale do sentido de um ato de endereçamento comunicativo. A substituição do *em* pelo *im* no prefixo da palavra parece reforçar o caráter negativo acentuado pelo autor. Optamos pela tradução *imparlência* por manter a raiz da palavra que é tão estrangeira ao inglês quanto é ao português. N. do T.

MOSE: Então por quanto tempo eu vou—?

DOUTOR MAZLANE: De acordo com a literatura, a frequência da desordem entre a população geral está aumentando, dramaticamente.

MOSE: Mas o que é—?

DOUTOR MAZLANE: Mas baseado nos últimos estudos observados, podemos dizer com confiança que a condição é em grande parte benigna. Você não terá nenhum risco para a saúde em geral.

MOSE: É um vírus, uma infecção—?

DOUTOR MAZLANE: No momento, as opções de resposta são limitadas—

MOSE: Doutor Mazlane, tem de haver alguma coisa que nós podemos fazer sobre...!

(Mose se move, ritmado, aperta suas mãos.)

DOUTOR MAZLANE: Sr. Eakins... por favor.

MOSE: Desculpe...

(Mas Mose continua a se inquietar.)

DOUTOR MAZLANE: O tratamento envolve mudança de estilo de vida, terapia – Sr. Eakins, se você não conseguir se acalmar eu não vou poder—

MOSE: Estou calmo. Estou calmo!

(Dr. Mazlane perde a paciência, escreve em um pequeno papel.)

DOUTOR MAZLANE: Sr. Eakins, pegue isto e volte me ver novamente em duas semanas.

(Mose pega o papel.)

MOSE: Remédio! Doutor Mazlane – Eu não gosto de tomar nada a não ser que seja, tipo, uma questão de vida ou morte!

(Doutor Mazlane se retira. Mose reage, coloca o papel em seu bolso, sai. Logo ele está de volta nas ruas entre os pedestres.)

Eu – Eu não acredito...!

(Mose aborda um HOMEM TRANSEUNTE)

Perdoe-me, senhor, mas—

HOMEM TRANSEUNTE: O governo é o problema.

MOSE: Claro. Mas posso perguntar a você—

HOMEM TRANSEUNTE: O GOVERNO É O PROBLEMA!

(Ele sai andando. Mose reage, aborda uma MULHER TRANSEUNTE.)

MOSE: Hum, Senhora... Senhora? Você – você me escuta?

MULHER TRANSEUNTE: Claro.

MOSE: Tem certeza?

MULHER TRANSEUNTE: Bem, sim.

MOSE: Cada palavra? Tudo que está saindo?

MULHER TRANSEUNTE: Perfeitamente!

MOSE: Você é um chipanzé?

MULHER TRANSEUNTE: Claro. Inegavelmente. Eu adoraria. Muito obrigado.

(Mose reage, a mulher transeunte sai andando. Desesperando-se. Mose vai a um VENDEDOR DE RUA, aponta para algo em sua tenda.)

MOSE: Um Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA: Noventa e cinco centavos.

(Mose paga, tropeça nervosamente, come um Tic Tac. Ele olha para as pessoas andando, pega seu celular, digita.)

MOSE: Hei, Zina, oi... Escute, uma coisa aconteceu novamente e, me desculpe, não acho que posso ir hoje à noite... Uma coisa no trabalho... Ah. Legal. Que legal você dizer isso, gata. Oh, e – acho melhor cancelarmos com a Michaela e com o Ken na sexta à noite... Ok? Ok, tenho que ir. Eu... Obrigado, gata. Obrigado de novo, toda sua compreensão, suas palavras gentis. Você é, e segue sendo, a melhor.

(Mose desliga seu celular, anda.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: De volta ao seu apartamento, quatro cômodos decorados em um chique moderado, Mose tenta entender sua nova circunstância.

MOSE: Impudência.

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Impertinência, insolência, a qualidade da imprudência—

MOSE: Não é isso. Droga, o que...? Impermanência.

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Transitoriedade, não-durabilidade, uma das três marcas da existência no budismo clássico.

MOSE: Droga, como eu—?

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Você quer dizer: imparcialidade.

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Correto, justo, não tendencioso—

MOSE: Não. Absolutamente não—

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Imparlência.

MOSE: Espera... O que...? Isto—

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Imparlência. I, m, p, a, r, l—

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: – ê, n, c—

(MEMBRO DO TURBILHÃO 3 entra.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 3: – i, a. Uma desordem crônica do sistema autológico—

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: –que é posteriormente definido como a parte da interface psico-semântica responsável pela geração e comunicação de significação.

MOSE: O qu...? Então—?

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Primeiro observado por pesquisadores da Universidade Rockefeller, a imparlência aguarda classificação formal por parte da Associação Americana de Medicina.

MEMBRO DO TURBILHÃO 3: O modo de transmissão da imparlência é apenas vagamente compreendido, embora William Watson, na Universidade Georgetown, propôs haver um componente genético na suscetibilidade.

MOSE: Então o que vai acontecer comigo—?

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Os sintomas são crônicos e invasivos: descritas de forma geral, as pessoas com imparlência perdem a capacidade de infundir suas palavras com significado inteligível.

MOSE: O que...? Eu—

MEMBRO DO TURBILHÃO 3: Ronald Dorfman, da Tufts, descreveu um indivíduo imparlente como uma pessoa cuja expressão linguística, cito, tem som, mas não peso, presença, mas não impacto. Fim de citação.

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Em suma, as palavras de uma pessoa com imparlência não tem nenhum sentido. Para ninguém.

MOSE: Você está—?

MEMBRO DO TURBILHÃO 1: Lionell Scott, da USC, diz que a imparlência, cito, produz declarações semelhantes ao leite desnatado. Em meio ao amplo alcance da expressão humana, a imparlência remove o colesterol da comunicação. Fim de citação.

MOSE: Mas – mas essa...! Imparlência! Eu não posso tirar!

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Sintomas secundários incluem ansiedade, pulsão errática, mal-estar e agonizante dúvida sobre si mesmo.

MOSE: Eu não acredito—

MEMBRO DO TURBILHÃO 3: Também um crescimento no ceticismo. Isto, contudo, é temporário.

(Mose reage, vira-se.)

MOSE: Eu... Homem inaudível!

MEMBRO DO TURBILHÃO 2: Curiosamente, quando falando com alguém que tem imparlência, as pessoas dão voz aos pensamentos que elas usualmente mantêm escondidos. É como se perdessem toda inibição.

MEMBRO DO TURBILHÃO 3: Ou elas não sentem nenhum risco em falar.

(Membro do Turbilhão 1 aborda Mose.)

MEMBRO DO TURBILHÃO 1 *(intimamente):* Ou você completamente não existe para elas.

MOSE: Humf... Mas Ok. Obrigado. Obrigado por me dizer isso diretamente.

(Mose vagueia para um lugar com PEDESTRES, timidamente aborda um.)

Uh, perdão—

PEDESTRE 3: Claro.

(Pedestre 3 sai andando. Mose reage, então tenta se comunicar com outro pedestre por pantomima. O pedestre tira seu smartphone, segue andando. Mose então aborda o PEDESTRE 4.)

MOSE: Uga buga guga luga. Pimba uga–

PEDESTRE 4: Exatamente! O governo é o problema!

(Mose reage; Pedestre 4 sai. Mose vê PEDESTRE 5. Mose saca um bloco e uma caneta, escreve, dá a página ao Pedestre 5, que olha e então se vira para Mose.)

PEDESTRE 5: Todo mundo sabe que os norte-americanos não leem.

(Mose reage, vai ao PEDESTRE 6.)

MOSE: Com licença, mas... você pode me ouvir?

(Pedestre 6 ri.)

Você realmente não pode me ouvir...?

PEDESTRE 6 (ainda rindo): Oh, essa é boa!

MOSE: Como isso é possível?

(Pedestre 6 uiva com a risada.)

Mas eu estou aqui! Ossos e respiração e inseguranças e tudo. Eu estou aqui, bem na sua frente–!

PEDESTRE 6: Isso é ótimo! Hei, maravilha te ver, cara. Realmente bom. Vamos manter contato.

(Rindo. Pedestre 6 sai andando.)

MOSE: Eu adoraria manter contato...

(Mose vai até o turbilhão. Daqui em diante, independente de quantos membros do turbilhão estejam no palco, eles se revezam falando individualmente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Normal e compreensível. O indivíduo imparlente frequentemente supervaloriza o sentido verbal.

MOSE: Se você diz–

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com Melanie Klein, acomodação e assimilação são chaves para o bem-estar psicológico.

MOSE: Mas eu não quero me acomodar e... uh–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Assimilar.

MOSE: Então se eu não quero isso, o que–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Terapias existentes incluem–

MOSE: Mas talvez – talvez as palavras e respostas deles estão corretas, perfeitamente corretas, e eu que não estou entendendo. Talvez minha compreensão seja o problema.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Certamente possível.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ainda que profundamente improvável.

MOSE (*para si mesmo*): Meu Deus – o que está acontecendo aqui...? O que eu fiz para...? A justiça de quem está sendo aplicada com isso?

(*para o turbilhão*) Então, você – então me diga: O que eu posso–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Não há uma cura conhecida. Imparlência é intratável–

MOSE: Mas o médico – o médico recomendou remédio!

(*Mose puxa o papel dado pelo Doutor Mazlane, ele mostra para o turbilhão.*)

Ele disse para tomar isso e para voltar a vê-lo novamente! É uma prescrição...

(*lê o papel*)

... uma prescrição... para pagá-lo quinhentos e vinte dólares... E eu pensei que sangrar os pacientes tivesse acabado no século dezenove.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Tem havido um forte retorno da medicina tradicional.

MOSE: Então me diga: é meu caso, tipo, absoluto? Eu vou flugabuga dessa forma com todo mundo? Mesmo com as pessoas próximas a mim?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Impossível de saber. Informação universal é tão impossível de obter quanto é temível em suas implicações.

MOSE: Hum... Ok, obrigado. Obrigado novamente – por sua franqueza, sua honestidade.

(*Mose sai andando, pega seu celular.*)

Hei, Marcel, olá parceiro, como você está? Escute, eu estava pensando se... Mas Marcel, eu estava pensando que talvez... Ah... Ok, é bom ouvir isso... Hei, Marcel – onde você está...? Onde você foi...?

(Mose corta a ligação, desespera-se. Ele aborda um transeunte, indica seu celular.)

Hei – você quer isso? Eu tenho uma puta certeza de que não preciso mais disso.

(O transeunte segue andando.)

Apenas pergunte para a primeira pessoa para quem ligar qual é o número!

(Mose se aflige, aborda Zina nervosamente.)

Hey, Z. Como você está-?

ZINA: Oi, querido! Como estão as coisas?

MOSE: Uhh! Não pergunte-

ZINA: Bom – bom-!

(Mose entra em pânico – ela não o escuta?)

MOSE: O que-?

(Zina pega Mose em um abraço.)

ZINA: É tão bom ver você após outro dia intolerável.

(Mose se acalma. Eles se sentam nas cadeiras.)

Tive uma reunião do departamento que durou uma eternidade, e a única coisa de que não falaram foi sobre consertar o interruptor de luz da minha sala. Levei tipo dois minutos para ligar ela hoje – com todas as crianças esperando e se contorcendo!

MOSE: Hum.

ZINA: Oh, e eu tive notícias de Michaela e Ken-

MOSE: Não – Z, você não falou com eles? Lembra, eu disse que não podemos encontrar eles-

ZINA: –E eles tiveram que cancelar na sexta à noite. E eu disse que sem problemas.

MOSE: Claro.

ZINA: Nós fazemos isso outra hora.

(Mose reage.)

MOSE: Z, sabe, se não se importa de eu falar, eu estou meio feliz que eles não podem. Quer dizer, da última vez que nós encontramos ele, lembra, foi tipo... Eles realmente não eram os mais interessantes, ali realmente não tinha muita coisa, sabe, indo e vindo. Talvez vamos tirar uma folga deles por um tempo.

ZINA: Ok.

MOSE: Legal. Tem certeza que está bem com isso?

ZINA: Hei: você é parte do processo também! Então, o que vamos fazer hoje à noite?

MOSE: Bem, eu estava—

ZINA: Oh, tenho que te contar... Vi um artigo hoje sobre uma coisa chamada Reiki. Você já ouviu falar?

MOSE: Acho que sim.

ZINA: Sim, é um tipo de medicina alternativa realmente interessante, ainda que remonte a duzentos anos atrás – no Japão! É realmente meio maravilhoso... Usa o mesmo sistema de meridiano que a acupuntura e obrigado por não dizer que estou te matando de tédio.

MOSE: Imagina, Z. Nunca.

ZINA: Então, ok, o que fazemos hoje à noite? Talvez só ficar aqui e assistir algo?

MOSE: Claro – ótimo!

ZINA: Eu meio que estou no clima para um filme. Algo longo para nos perdermos dentro dele.

MOSE: Parece bom.

(Eles se acomodam.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Progressivamente mais temeroso das interações humanas não-Zinas, Eakins tira seis dias de folga antes de voltar ao trabalho. Lá, ele é saudado pelo chefe de seu departamento, William Greavey.

(Mose aborda GREAVEY.)

GREAVEY: Mose, onde você esteve? Que cacete estava acontecendo com seu celular? Você está Ok? Nós ficamos preocupado contigo! Você está demitido!

(Mose reage. Greavey olha para a papelada.)

MOSE: Mas Bill... Sr. Greavey... Minha hipoteca está tipo... E a Alicia – esse é – esse é o nome que a Zina quer dar ao bebê que ela – que nós queremos... Eu estou aqui faz treze anos!

(Greavey sai andando, nariz na papelada. Mose reage.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Em 18 de maio de 2015, 11:32, Eakins está sem trabalho, sem direção, sem possibilidades. Ele vê a si mesmo como uma fração do que ele foi–

MOSE: Exatamente – uma fração! O que eu posso–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Seu desespero é tal que–

MOSE: Espera... Vocês disseram antes que eu poderia – vocês disseram que há terapias.

MEMBRO DO TURBILHÃO: De fato, muitas terapias exist–

MEMBRO DO TURBILHÃO *(como um comercial de TV):* Procurando por uma malhação linguística–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Estas frases não carregam mais seu peso–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você fala que não está falando tão bem assim?

MEMBRO DO TURBILHÃO: A Loja Grunhido – onde você pode encontrar hoje uma ampla gama de estimulantes de substantivos, vitaminas de advérbios, enzimas de expressão e viagra verbal–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Doutor Ozaku Willenstein, profissional licenciado pela EternoCanto, irá gentilmente guiá-lo através de seu premiado programa de sussurros integrativos e urros holísticos–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Podemos falar contigo? Se você é um dos milhões de norte-americanos sofrendo de movimentos irregulares de vogal–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Receba quinze por cento de desconto em nosso Fim de Semana Único Incomunicável quando você–

(Mose vira-se, reage.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: No dia seguinte, Eakins vai para Cleveland, onde ele se inscreve na Academia Mundial de Josey, no meio do centro.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ali, ele participa do programa de fortalecimento de consoante de alto-impacto.

MOSE (*exagerando os sons*): Kra-ka-to-a, Kra-ka-to-a. Fran-k Zap-pa, Fffran-kk Zzzap-PAHH.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele trabalha com rejuvenescimento semântico.

(Mose anda, para, aponta para baixo.)

MOSE: O chão.

(Mose anda mais, para, aponta para baixo.)

Um calçado.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele abandona a Academia Mundial de Josey depois de dois dias.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Três dias mais tarde, Eakins viaja para Miami para consultar um especialista em implantes de cordas vocais.

(Mose se aproxima de uma porta, para quando duas pessoas emergem cautelosamente: um PACIENTE e seu assistente médico. O paciente fala com o assistente em um guincho horrível/cômico:)

PACIENTE: Está... funcionando... bem...!

(Mose retrocede.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Em 5 de Junho de 2015, Eakins retorna para casa, onde ele faz um requerimento de seguro-desemprego por invalidez.

(Mose está sentando em uma cadeira encarando a outra cadeira, que está vazia.)

MOSE: Sim, Sra. Jenkins... Sim, Sra. Jenkins... E então você vê, meu pedido é inteiramente válido – eu perdi meu emprego em função de uma condição médica... Sra. Jenkins, eu tenho uma hipoteca – eu tenho obrigações que certamente ainda estão sendo comunicadas a mim! O que você quer dizer com, Legal o sol está de volta... O que quer dizer, Legal o sol... Eu – eu estou sonhando... Eu estou sonhando! Dane-se, Sra. Jenkins – dane-se! Se não pode me escutar eu posso muito bem dizer o que quero! Então, Ok, Sra. Jenkins, esqueça as palavras – esqueça elas! Você não escuta a necessidade?

(Mose se levanta, se retira, retorna.)

Sra. Jenkins, você não vê? Eu estou provando meu requerimento bem aqui em sua frente – por não ser capaz de prová-lo.

(Mose se move do lugar. Ele chega a uma rua, entre pedestres. Ele olha para eles melancolicamente, aborda o VENDEDOR DE RUA 2, fala sem gesticular.)

Um Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA 2: Noventa e cinco centavos.

(Mose paga, sai, coloca um Tic Tac em sua boca. Então percebe algo. Ele retorna ao Vendedor de Rua 2, fala sem gesticular.)

MOSE: Outro Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA 2: Sim, senhor.

(O vendedor dá o Tic Tac.)

MOSE: Espera – você me escuta?

VENDEDOR DE RUA 2: Mais alguma coisa para você hoje?

MOSE: Na verdade, sim: Você sabe quando o ônibus número 12 passa?

VENDEDOR DE RUA 2: Muito obrigado, senhor.

MOSE: Desculpe, eu quis perguntar onde é a parada de ônibus.

VENDEDOR DE RUA 2: Que camisa feia este cara está usando.

(Mose reage. Então fala sem gesticular:)

MOSE: Você sabe uma coisa – eu vou querer outro Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA 2: Aqui está.

(O vendedor entrega-o para Mose.)

MOSE: Oh, e posso pegar um chiclete de menta?

VENDEDOR DE RUA 2: Claro.

(O vendedor aquiesce, Mose reage e paga. Mose corre ao VENDEDOR DE RUA 3.)

MOSE: Oi, um Prestígio, por favor.

(Vendedor 3 dá o Prestígio para Mose.)

VENDEDOR DE RUA 3: Mais alguma coisa?

MOSE: Caralho! Oh – desculpe! Na verdade – sem problemas!

(Mose paga, corre ao VENDEDOR DE RUA 4.)

Dois Tic Tacs, por favor.

VENDEDOR DE RUA 4: É pra já.

(Vendedor 4 entrega, Mose paga.)

MOSE: Obrigado. Obrigado!

(Mose anda rápido, exultante.)

Alguma coisa! Eu tenho alguma coisa!

(Ele pega seu celular, fala nele. BILLINGS aparece, falando no telefone de seu escritório.)

Oi, Billings – Billings, como você está? Como está a bolsa hoje?

BILLINGS: Oi, quem é–?

MOSE: É o Mose. Na verdade, só escute: eu quero que você compre dez mil ações da Crandall Energy, Ok?

BILLINGS: Ah, Mose, como você está–?

MOSE: Bem – Estou bem. Mas por favor, escute isso: Mose Eakins está pedindo a você para comprar dez mil ações da Crandall Energy para ele bem agora, preço de mercado, Ok?

BILLINGS: Farei isso. Mas Mose – o que cacete é Crandall Energy?

MOSE: Confie em mim – eles são bons, Ok? Eles são bons.

BILLINGS: Dez mil ações na... as ações a sete dólares e um troco. Mose, isso é quase sessenta por cento da sua carteira. Mose, isso é muita exposição–

MOSE: Apenas pegue, Ok? Na verdade, correção, revise a compra! Mose Eakins está pedindo a você para comprar cinquenta mil ações de Crandall Energy a preço de mercado, Ok? Billings, você está escutando que Mose Eakins quer cinquenta–

BILLINGS: Claro eu – Mose, você está Ok? O que–

MOSE: Apenas compre as ações, Ok? Compre para mim!

(Mose desliga. Billings dá de ombros, sai. Mose reina em sua exultação, junta-se a Zina passeando.)

ZINA: ...Eu prefiro morangos a pêssegos em qualquer dia.

MOSE: Você não é a única.

ZINA: E framboesa antes dos dois!

MOSE: Mesmo caso!

ZINA: Sério. Ir ao Mercado Midtown é como visitar um museu!

MOSE: Eu sei. E este museu está me deixando faminto.

(Mose vai ao VENDEDOR DE RUA 5.)

O sortido de frutas, por favor.

VENDEDOR DE RUA 5: Para você, senhor – qualquer coisa.

(Vendedor 5 sorri, dá a Mose o saco do sortido de frutas. Mose paga, entrega o saco para Zina, corre de novo ao VENDEDOR 5.)

MOSE: Muito bem!

(Mose corre de volta para Zina. Eles continuam a caminhar.)

ZINA: Sabe, é tão legal aqui agora, eu andei pensando: por que temos que ir para Boston?

MOSE: Sério?

ZINA: Quer dizer, espero não desapontar você, mas é lindo aqui esta época do ano.

MOSE: Bem, se você prefere acho que podemos adiar.

(Eles chegam nas cadeiras, sentam.)

ZINA: Então, as notícias: eu decidi fazer aulas de Reiki.

MOSE: Uau–

ZINA: Começa no Sábado. E – e eu estou realmente excitada. Aprender algo inteiramente fora do meu – bem, fora do meu mundo habitual.

MOSE: Sempre bom.

ZINA: Quer dizer, a coisa toda é tão fascinante: um método de cura física onde você não tem de tocar a outra pessoa. Há poucas maneiras de fazer Reiki, mas o melhor, e mais rigoroso, envolve colocar suas mãos sobre os pontos meridianos – sabe, os lugares onde eles colocam as agulhas na acupuntura? – e apenas segurá-las ali. Então a energia Ki flui... e a mágica acontece.

MOSE: Uau.

ZINA: Quer dizer, é maravilhoso: apenas a força inerente a você, e fluindo através de você, ela cura pessoas – ela cura todo tipo de coisas, problemas nas costas, asma, stress. E realmente funciona! Eu li sobre dezenas de pessoas que foram totalmente curadas por Reiki.

MOSE: Hum.

ZINA: É tocar sem tocar, contato sem contato. A separação, tipo, desaparece. Mostra que a distância entre nós é ilusória... Como nós aprendemos que o átomo é quase só espaço vazio, Reiki mostra que somos unitários com as coisas ao nosso redor.

MOSE: Legal.

ZINA: Obrigado, gato. Realmente – você ser tão legal sobre isso é, tipo, realmente importante para mim. Quer dizer, esse é um grande grande passo para mim, e eu totalmente aprecio seu apoio.

MOSE: Hei – fácil apoiar a única pessoa que no planeta inteiro, você sabe, me apoia.

(Um membro do turbilhão vem à frente enquanto Mose e Zina se separam.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Conhecido pelo espírito resiliente, Eakins se adapta às suas novas circunstâncias. Ele encontra trabalho onde pode.

(Um homem caminha até Mose, entrega-lhe um lençol, sai. Mose começa a dobrar o lençol, o homem retorna, pega o lençol, gesticula para Mose sair. Mose foi demitido. O homem sai. Mose reage.)

(Uma mulher caminha até Mose, entrega-lhe um esfregão, se retira. Mose começa a passar o esfregão, a mulher retorna, toma o esfregão, gesticula para Mose sair, se retira. Demitido novamente, Mose reage mais exaltado.)

Um homem caminha até Mose, entrega-lhe um saco, sai andando. Mose começa a pegar destroços, o homem retorna, pega o saco, sai. Mose reage ainda mais negativamente.

Um homem aborda Mose, entrega-lhe um pedaço de papel. Mose lê, fala com o homem.)

MOSE: Um – um dólar e cinquenta por uma laranja? Dois dólares por água?!

(O homem se retira. Outro homem aborda Mose, entrega-lhe um pedaço de papel. Mose lê, fala com o homem.)

Mas no mês passado – no mês passado a conta de luz foi–!

(O homem se retira. Uma mulher aborda Mose, entrega-lhe um pedaço de papel. Mose lê, fala com a mulher.)

Eu...! Mas não há algum tipo de limite, algum limite legal para quanto o imposto de renda de uma pessoa pode aumentar em um ano? Não há absolutamente nenhuma razão para – isto é impossível...!

(A mulher se retira, deixando Mose com seus papéis e suas crescentes preocupações. Billings entra, falando em seu telefone do escritório. Mose pega seu celular.)

BILLINGS: Olá, Mose – Mose! É o Billings.

MOSE *(no celular):* Sim, o que... Como você está?

BILLINGS: Escuta, Mose, tenho que falar com você sobre a Crandall Energy–

MOSE: O que–

BILLINGS: Essa Crandall Energy que você pediu para eu comprar pra você – não está tendo um bom dia–

MOSE: O que–?!

BILLINGS: Houve rumores – rumores sobre informação vazando. Não exatamente informações privilegiadas, mas algum tipo de acesso a informações que não deveriam ter vindo a público–

MOSE: Oh meu De–!

BILLINGS: Então o que você quer que eu faça com isso? Está com queda de só quatro – isso é tipo quarenta por cento abaixo do que você pagou–

MOSE: Então venda – venda a droga–!

BILLINGS: Mose, sabe, eu não estou autorizado a falar essa frase, mas talvez seja uma boa hora para cair fora–

MOSE: Sim! Sim!! Venda a–

BILLINGS: Mas você tem que me dizer, Ok? Apenas me fale o que você quer fazer–

MOSE: Eu disse! Eu falei! Billings, por favor, venda to–!

BILLINGS: Por favor, Mose, a coisa baixou outros trinta centavos desde que começamos a chamada–

MOSE: Billings – Billings! Eu pedi pra você, eu ordeno que você–!

BILLINGS: Ai! Você acabou de perder outros cinquenta e cinco dólares nesta sucata–

MOSE: Então cai fora, cai–!

BILLINGS: Ai! Outros cento e vinte embora–

MOSE: Se desfaz da coisa–!

BILLINGS: Ai! E diga adeus a outros cinco por cento de seu valor líquido–

MOSE: Billings–!

BILLINGS: Mose, não seja tão cabeça dura! Aceite sua perda, aceite que você errou!

MOSE: Eu aceito! Eu aceitei! Eu realmente aceitei!

BILLINGS: Mose – eu não estou autorizado a dizer isso, mas... venda a perda! Venda agora! Sai fora!

(Mose, agonizando, desliga. Billings escuta o clique, dá de ombros, sai.)

MOSE *(para si mesmo)*: Eu não acredito...! Compra e não vende, entra e nunca sai... A tristeza é uma rua de mão-única! Alguém!

(Mose corre para os transeuntes.)

Com licença, senhor, eu – você faria a gentileza de...

(O transeunte passa. Mose aborda outra transeunte.)

Senhora, por favor – eu estou em uma certa situação...

(A transeunte passa. Mose corre para o VENDEDOR DE RUA 6.)

Me dê um Tic Tac.

(O vendedor entrega o Tic Tac para Mose.)

VENDEDOR DE RUA 6: Sim, senhor.

(Mose paga. Então:)

MOSE: Me dê outro.

(O vendedor dá a Mose outro Tic Tac.)

VENDEDOR DE RUA 6: Você deve gostar dessas coisas!

MOSE: E outro.

(O vendedor dá um Tic Tac.)

VENDEDOR DE RUA 6: Com fome hoje, não é?

MOSE: E mais um.

VENDEDOR DE RUA 6: Desculpe, senhor, acabou.

MOSE: O qu...?

VENDEDOR DE RUA 6: Você pegou o último.

(Mose reage. Ele então entrega ao vendedor todos os Tic Tacs que ele acabou de comprar. O vendedor tenta entregá-los de volta, mas Mose empurra os Tic Tacs para ele. Pausa.)

MOSE: Um Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA 6: Mas... Ok.

(O vendedor entrega um Tic Tac para Mose, que paga.)

MOSE (para si mesmo): Ok. É alguma coisa!

(ao vendedor) Um Tic Tac, por favor.

VENDEDOR DE RUA 6: Eu...!

(pausa)

Ok, senhor. Como quiser.

(O vendedor dá o Tic Tac, sai.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Por volta de agosto de 2015, Eakins está improvisando uma existência, apoiado pelos nobres sentimentos de cultura.

(Em um parque, no meio dos transeuntes, Mose fica atrás de um chapéu, recita.)

MOSE: ...E nossa vasta experiência descobre a natureza idêntica aparecendo em todos nós. As pessoas nos familiarizam com o impessoal.

(Ele olha ao redor, crescentemente exaltado.)

E o que nós comumente chamamos de homem, o homem que come, bebe, conta, não só representa a si mesmo, mas...

(Derrotado, Mose desiste. Ele olha em seu chapéu, não encontra nada, senta.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: As economias de Eakins, suficientes para sustentá-lo por alguns meses, não podem dar suporte indefinidamente.

(JACK GOBETZ, um homem corpulento, entra e coloca uma sacola de comida perto de Mose.)

MOSE: Obrigado.

(Gobetz acena solidariamente, sai. Mose come avidamente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele passa seus dias no Parque Leddy, do outro lado da cidade, longe da área de sua namorada, Zina, para evitar vê-la. A enganação envolvida não é fácil para ele.

(Mose fala no celular. Zina entra com o celular.)

MOSE: ... Sim, parece que vou ter que ficar mais três dias... Mas está Ok, São Francisco é Ok, e a equipe que o Greavey me deu é bastante competente. Eles estão trabalhando muito bem.

ZINA: Ai, Mose... Sinto sua falta.

MOSE: Sim... Eu também. Nos vemos em breve.

MEMBRO DO TURBILHÃO: A situação provoca desespero.

(Enquanto Zina sai, Mose aborda os transeuntes.)

MOSE: Tem quinze minutos de sobra...? Com licença, você tem uma sentença para mim...? Pode me emprestar um grito?

(Ignorado, Mose se retrai ao seu canto.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Simultaneamente, Eakins batalha contra duas aflições: dificuldades financeiras e solidão.

(Gobetz entra, coloca uma sacola de comida perto de Mose. Eles trocam acenos. Mose coloca a sacola de lado, para mais tarde.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Cada uma delas assalta seu pensamento: Como vou sobreviver? Por que ele deveria sobreviver? Sua mente corteja e acaricia uma palavra – uma palavra, repetidamente: Vulnerável.

(DOIS POLICIAIS entram, abordam Mose.)

POLICIAL 1: Coloque suas mãos sobre a cabeça!

MOSE: O que? O que você—?

POLICIAL 2: Mãos! Sobre a cabeça!

(Mose coloca. Os policiais pegam a sacola de comida deixada por Gobetz. Eles olham dentro, então falam para Mose.)

POLICIAL 1: Você tem o direito de permanecer em silêncio—

MOSE: Eu me rendo! Eu me rendo!

POLICIAL 1: Qualquer coisa que você disser pode e será usada contra você—

MOSE: Sim! Por favor! Usem *tudo* contra mim!

(Os policiais recolhem os pertences de Moses, levam ele embora.)

POLICIAL 2: Você tem direito a um advogado. Se você não puder pagar – Jesus, por que nós perdemos tempo com isso...

(Todos saem.)

SEGUNDO ATO

Mose está sentado em uma cadeira sendo interrogado por dois policiais.

POLICIAL 1: ...E a única coisa em você deve acreditar, morador de rua: Aqui, agora, a honestidade é sua amiga – sua melhor amiga. Você tornará a vida muito mais simples para si mesmo se você nos contar a verdade.

MOSE: Senhor, não há nada que eu gostaria mais que contar a verdade—

POLICIAL 1: Então, morador de rua: Como você fez? Conte – como você roubou este celular?

(O policial segura o smartphone.)

MOSE: O que? Eu não roubei um celular! Nunca em minha vida!

POLICIAL 2: Bom. As coisas vão andar muito mais fáceis para você, e mais rápidas para todos nós, agora que você admitiu a culpa.

MOSE: O que...? Quero ligar para o meu advogado!

POLICIAL 1: Não se mexa.

MOSE: Eu tenho o direito de ligar para o meu advogado...!

(Os policiais saem. Mose murcha:)

... para dizê-lo para não se preocupar em aparecer.

(Mose se aflige.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Pela primeira vez em sua vida, Eakins se preocupa com sua pressão sanguínea.

(Policia 1 entra.)

POLICIAL 1: Ok. Até a sentença—

MOSE: Sentença—!

POLICIAL 1: —você vai permanecer no Centro de Detenção do Condado—

MOSE: Eu não acredito—!

POLICIAL 1: —com os procedimentos marcados para daqui quatro semanas.

MOSE: Por favor, senhor! Eu – Eu não–

(Policial 2 entra, sussurra para Policial 1. Policial 1 fala com Mose, asperamente.)

POLICIAL 1: Não se mexa.

(Os policiais saem. Mose agoniza.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins vasculha sua imaginação – quem poderia ajudá-lo, como contatar aquelas pessoas para ajudá-lo–

(Os policiais entram.)

POLICIAL 1: Temos notícias. É sério. Você está livre.

MOSE: O qu–?

POLICIAL 2: Pegue suas coisas na carceragem na saída.

(Os policiais saem. Mose reage, vai.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins agora viveu a vulnerabilidade que ele tão profundamente temia. Por volta das 16:15 ele está de volta ao Parque Leddy. E incapaz de se conter.

(Mose fala em seu celular. Billings entra com seu telefone do escritório.)

MOSE: Billings – Billings, por favor!

BILLINGS: Quem é?

MOSE: Billings, você tem que – o que quer que tenha sobrado na conta – venda, venda tudo, você tem que–!

BILLINGS: Em sou um homem ocupado!

(Billings desliga, sai.)

MOSE: Billings – me venda... se você consegue pegar qualquer coisa com isso.

(Mose aborda um transeunte.)

Com licença, você poderia...?

(O transeunte acelera em frente.)

Olá, eu poderia impor sobre você...?

(O transeunte acelera em frente.)

Aqui, aqui – olhe: eu tenho cinco dólares na minha mão. Você quer? Posso dar para você?

(O transeunte afasta-se. Mose retrocede para um canto do parque. Buscando conforto, ele fala consigo mesmo. Alguns transeuntes olham para ele. Alguns não.)

Quer dizer, isso é... Isso é...! Hum. Sinto ouvir isso, cara... Sim, dureza para uma porção de gente esses dias. Você acertou nessa. Mas ainda assim, sabe, temos alguns belos raios de sol hoje. Nisso você está certo, uns belos raios de sol.

(Mose se desanima. Ele senta em outra parte do parque. Não vê que Gobetz se aproxima dele.)

GOBETZ: Com licença.

MOSE: Não há razão para se preocupar comigo. Nenhuma razão.

GOBETZ: Com licença, senhor. Posso—

MOSE: Vá embora!

(Mose se vira, vê Gobetz, se anima.)

Oh, olá.

GOBETZ: Pobre coi—

MOSE: Desculpe. Desculpe por ser tão—

GOBETZ: Escute – tenho que te perguntar uma coisa. Como você fez?

MOSE: O que é—?

GOBETZ: Como você roubou meu celular?

(Gobetz segura o mesmo celular que aquela mostrado a Mose pela polícia.)

MOSE: Esse é o telefone lá da polícia! O que você está fazendo com—?

GOBETZ: Você reconhece isso? Eu peguei no departamento de políc—

MOSE: Senhor, eu não roubei – estava dentro da sacola! A sacola que você me deu!

GOBETZ: Sabe, se você precisa de um celular, pode pegar esse.

MOSE: Não preciso de um celular. Não posso lhe pedir isso—

GOBETZ: Quando vi que foi você decidi não dar queixa. E – esqueça sobre a fiança. Hei, você tem que se comportar. Tudo está empilhado contra... pessoas como você.

MOSE: Nem me fale.

GOBETZ: Você não precisa de um celular. Você precisa de um emprego. Passe no número 18 da Avenida Williston na sexta. 11 da manhã. Vamos ver se podemos encontrar algo para você.

(Mose e Gobetz olham um para o outro. Gobetz estende sua mão.)

GOBETZ: Jack Gobetz.

MOSE: Mose Eakins.

(Mose aperta a mão de Gobetz.)

GOBETZ: Sim – fantástica a vitória dos Red Sox hoje!

(Gobetz sai. Mose se move, deita-se no chão. Zina senta ao seu lado.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: 9:15 naquela noite. Eakins está no apartamento de Zina.

MOSE: ... Sim, estou Ok. Consegui voltar de São Francisco um dia antes–

ZINA: Pronto. Relaxe, feche seus olhos e apenas preste atenção na respiração. Concentre-se em cada respiração, dentro e fora e...

(Zina faz Reiki em Mose, movendo suas mãos acima e ao longo de seu corpo.)

Humm. Esta é a primeira vez que eu pratico em alguém que não é da minha turma. Quer dizer, você sente isso? Você *sente* isso? Reiki é tão poderoso, tão sentível.

MOSE: Hum. Legal.

ZINA: É como se eu nem estivesse mais aqui – eu sou puramente um condutor, um recipiente através do qual imensuráveis coisas passam–

(Mose senta-se, abraça Zina.)

Hei, o que–?

MOSE: Zina, gata – obrigado, Ok? Só obrigado – minha amável gata recipiente-condutora!

ZINA: Uou...! Reiki realmente dá um barato!

(Enquanto a afeição de Mose continua...)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Zina mantém sua posição enquanto o centro e a força de Eakins—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sua cruz, seu eixo—

(Mose vai até o turbilhão, Zina sai.)

MOSE: Certo. Ela é minha constante, minha consistência. Obrigado por reconhecerem isso.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Contudo, Eakins—

MOSE: Mas por favor, me diga: Tem de haver — estou seguro de que há alguma associação ou grupo de apoio, para pessoas com a minha—

MEMBRO DO TURBILHÃO: De fato, numerosos grupos de apoio existem para o imparlente—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Numerosos!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sendo o maior o SA — Sub-expressivos Anônimos.

MOSE: Então eu gostaria de—

MEMBRO DO TURBILHÃO: O problema é encontrá-los.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Como contatar um grupo—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —que não pode fazer contatos.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Como eles podem espalhar a palavra de sua existência—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —com palavras que não funcionam.

MOSE: Espere. Eu — vocês estão me dizendo que nunca poderei encontrar nenhum desses grupos?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Uma coisa lamentável.

MOSE: Vocês estão dizendo que eu não posso participar dos únicos grupos que me aceitariam como um membro? Então como *vocês* sabem que eles existem?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Como foi observado por Schopenhauer. Conhecimento de é fácil...

MEMBRO DO TURBILHÃO: Conhecimento para, o mais perigoso.

(Mose bufa. Gobetz entra e, na sequência, mostra a Mose os ambientes de seu restaurante.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Nesta sexta, 9 de agosto, 11 de manhã, Eakins se apresenta para o trabalho. Ele descobre que Gobetz tem um restaurante chamado Chez Jackie, um lugar luxuoso aberto para almoço e jantar—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —os quais são referidos no menu como déjeuner e dîner—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —sete dias por semana. Com cinquenta e dois pratos, se especializa em comida simples e camponesa da região francesa do Languedoc.

(Gobetz está explicando para Eakins suas responsabilidades.)

GOBETZ: ...Ok? Nós abrimos em dez minutos. Você já pode começar.

MOSE: Obrigado. De verdade—

GOBETZ: O almoço é geralmente de clientes dos escritórios aqui perto. Então tenha maneiras e lembre-se: sempre seja cortês. Esse é seu serviço, e a única coisa que você tem que ser no serviço é cortês... Sim, eu tive sorte. Tenho um negócio legal aqui.

MOSE: Claramente. Mas, hum, Sr. Gobetz, se eu posso... O salário?

GOBETZ: Ok? Tenho que falar com o cozinheiro.

(Gobetz sai andando, Mose reage. Mas ele rapidamente se atenta, se anima e começa a trabalhar. Ele fala com clientes (invisíveis).)

MOSE: Olá! Bem vindos ao Chez Jackie. Talvez esta mesa aqui?

(Mose mostra a mesa aos clientes, então retorna para a recepção.)

Ah — que bom que vieram. Por favor, venham comigo. Sua garçonete — sua pessoadeservir estará com vocês em um minuto.

(Mose retorna para a recepção.)

Oi-oi! Deixem-me mostrar-lhes sua—

(Mose caminha, para quando um cliente lhe dá uma nota de dez dólares.)

Bem — obrigado. Muito obrigado!

(Mose caminha de volta, aborda Gobetz.)

GOBETZ: Agora não — ocupado—

(Mose mostra o dinheiro a Gobetz.)

Hei – dez pratas! Você recebeu gorjeta. Muito bem. É completamente perfeito você receber gorjetas das pessoas.

MOSE: Obrigado, Sr. –

GOBETZ: Coloque na jarra verde atrás do bar. Todos os empregados fazem isso. Eles dividem tudo aqui – eles acham que é justo. Você sabe, todos eles estão trabalhando juntos.

MOSE: Farei isso.

GOBETZ: Uma gorjeta de dez dólares em seu primeiro turno... Eu sabia que você seria um bom recepcionista. Excelente habilidade com pessoas.

(Mose reage enquanto Gobetz sai. Ele coloca sua gorjeta na jarra verde.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: As horas passam rapidamente. Eakins alcança maestria facilmente. Sua curva de aprendizagem é íngreme. Às 1:12 da tarde:

(Mose leva clientes para suas mesas.)

MOSE: Nós temos um excelente bagre hoje – não, me desculpem, meu erro, é garoupa. Como for – está bom.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Quarenta minutos depois:

(Mose leva clientes para suas mesas.)

MOSE (alegremente): Isso aí, um empurrãozinho, olhe o salão – eu estou apenas gentilmente lubrificando o caminho para sua mesa.

MEMBRO DO TURBILHÃO: E cinco minutos depois:

(Mose leva cliente para suas mesas.)

MOSE (sorrindo muito abertamente): Certo, vocês venham aqui para garfar um falso foie gras enquanto bilhões de seus irmãos poderiam ser salvos com um punhado de arroz! Aproveitem sua lavagem!

(Gobetz passa andando, sorri, acena um polegar positivo escondido para Mose.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Às 4:30 Eakins recebe seu intervalo de dez minutos. Instintivamente ele retorna ao Parque Leddy.

(Entre os transeuntes, Mose pensa:)

MOSE: ... Mas eu – talvez eu tenha provocado isso... Talvez eu tenha dito uma palavra, apenas uma palavra errada, que de alguma forma desencadeou essa coisa toda... Uma má escolha que foi o piparote pelo qual... Então talvez – então deve haver outra palavra que irá me jogar de volta, uma palavra de retorno que irá...!

(Nesse momento Mose está sentado perto de WALT, um morador de rua. Mose fala com ele.)

Não é verdade? Não é necessariamente verdade?

(Walt olha para Mose.)

Vamos lá, cara!

(Walt apenas olha para ele. Pausa. Mose alcança seu próprio bolso.)

Então, Ok. Escute: eu quero comprar a frase “Isto é inteiramente possível” de você.

(Walt olha para Mose.)

Vamos! Aqui está um dólar – aqui está um dólar para você.

(Mose entrega uma nota para Walt.)

E em troca para o pagamento deste dólar, por favor me diga: “Isto é inteiramente possível”.

WALT *(desajeitadamente)*: Isto é inteiramente possível.

MOSE: Bom! Agora, aqui estão cinquenta centavos. E por cinquenta centavos – porque não vale tanto assim – eu quero comprar a frase “Belo dia hoje”.

(Walt pega a moeda, fala estranhamente.)

WALT: Belo dia hoje.

MOSE: Bom! Obrigado! Muito obrigado.

(Pausa.)

WALT: Meu nome é Walt.

MOSE: Eu não comprei isso! Você acha que eu vou pagar por...?

(pausa)

Ah – me desculpe. Mose Eakins.

(Mose aberta a mão de Walt.)

Então, Ok, aqui estão dois dólares – dois dólares, Ok?

(Mose dá o dinheiro.)

E com isso eu estou comprando a declaração: “Eu sei que seu nome é Mose”.

WALT: Eu sei que seu nome é Mose.

MOSE: Ótimo. Ok. Então, como você está, Walt?

(Walt olha para Mose.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ao redor das 10:40 naquela primeira noite de sexta, com os últimos clientes tombando atrás de drinks altos, as coisas estão terminando no Chez Jackie.

(Enquanto Walt sai, Gobetz aborda Mose. Gobetz traz o jarro de gorjeta.)

GOBETZ: Hei! Você está indo muito bem! Os clientes amam você! Eles disseram apenas coisas muito positivas. Vamos lá.

(Gobetz guia Mose até a cozinha. Entre os homens trabalhando estão o lavador de louça BOB 1, o limpa-e-esfrega BOB 2 e o chefe BOB WEAVER.)

Caras! Caras! Esse aqui é nossa nova galinha dos ovos de ouro. Gratificações lá em cima hoje à noite – talvez vinte por cento!

BOB 1: Maravilha!

BOB 2: Boa, parceiro!

BOB WEAVER: Nós seguimos cozinhando!

GOBETZ *(para Bob 2):* Bob – faça a distribuição. Vejo vocês amanhã.

(Gobetz dá a Bob 2 a jarra de gorjeta, sai. Bob 2 começa a contar, Bob 1 aborda Mose.)

BOB 1: Sim sim sim, cara da frente. Obrigado por seu toque mágico. Longo seja vosso reino. Eu sou Bob.

(Bob 1 aperta a mão de Mose.)

MOSE: Obrigado. Prazer em conhecê-

BOB 1: Hei: aquela chiquitita com a longa trança caindo até aqui – você vê ela? Sexta à noite é a noite dela – e a nossa também. Nós vivemos por um vislumbre daquela canção tempestuosa–

BOB 2: E, humm, oh-vestidos apertados–!

BOB 1: Toda nossa semana é justificada pela lambida de um olhar através dessas portas balançantes.

MOSE: Desculpe, mas – eu–

BOB 1: Eu vi ela! Eu vi!

BOB 2: Eu vi ela também!

BOB WEAVER: Vocês viram ela... Mas o chefe, o chefe aqui...

(aponta para si mesmo)

... Eu entrei nela.

BOB 1 E BOB 2 (rindo): Claro que sim! Claro que sim!

BOB 1 (para Mose): Mas o que é isso, homem da frente? Você está lá fora, você está entre os conversadores e os mastigadores e você nem sequer viu ela?

MOSE: Bem, eu–

BOB 1: Tudo bem. Sem perturbação, homem da frente – nós manteremos vós missê informado! Ela está interessada apenas em nós, de qualquer forma!

(Os empregados da cozinha riem, saem. Mose caminha desesperadamente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Por volta das 11:15 daquela noite, por ruas escuras, Eakins está se arrastando para casa–

MOSE (para o turbilhão): Com licença.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Uma jornada solitária tornada mais melancólica por–

MOSE: Com licença – quer dizer, se vocês têm um momento. Vocês poderiam – quer dizer, vocês poderiam talvez me dizer como encontrar, tipo, um daqueles grupos de apoio sobre os quais vocês falaram?

MEMBRO DO TURBILHÃO: O indivíduo imparlente frequentemente encontra conforto em números.

MOSE: Por favor. Qualquer um deles. Há – há alguma coisa que vocês podem–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: O indivíduo imparlente também superestima o poder da consolação comunitária.

MOSE: Pessoal–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Jenny Reese, uma imparlente de Boise, Idaho, se afundou por mais de duas mil horas procurando por alguém que compartilhasse seus sintomas.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Rachel Pushner, uma imparlente em Atlanta, começou, em março de 2014, uma associação imparlente–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –que não atraiu nenhum membro.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Porque não poderia atrair nenhum membro.

MOSE: Então – então é isso? É isso para mim? Eu posso só flugabuga sozinho pelo resto dos meus dias – flugabuga e ter esperança?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Talvez inevitável. De acordo com Robert Nozick de Harvard, a imparlência é talvez a última expressão da sociedade de propriedade⁷.

MEMBRO DO TURBILHÃO: O sentido foi privatizado. Foi tornado parte da esfera privada.

MEMBRO DO TURBILHÃO: O significado não é mais uma utilidade de bem-público, um serviço fornecido por um comando ou um centro de controle.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Isto irá aumentar vastamente nossa produtividade linguística–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –liberar nosso potencial enquanto criadores de sentido–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –nos libertar das restrições e ineficiências da babá dicionário!

MOSE: Mas...

(Ele murcha.)

Ok, escute: obrigado. Obrigado por isso. Ao menos vocês me ouviram.

⁷ *Ownership society* foi um modelo de sociedade proposto pelos EUA e implementado a partir do governo de George W. Bush, baseando-se nos valores da responsabilidade pessoal, da liberdade econômica e da posse e propriedade de bens. N. do T.

MEMBRO DO TURBILHÃO: É para isso que estamos aqui.

(Mose anda com passos pesados.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins segue para casa.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Seus passos articulando o que suas palavras não podem.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Na manhã seguinte, Eakins encontra-se com Walt.

(Mose entra com Walt.)

WALT: Vamos lá – encontrar algum tipo de grupo de apoio não é importante!

MOSE: Sim, Walt. Você provavelmente está certo.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Além disso, outras pessoas são geralmente uma lição de desapontamento.

MOSE: É isso aí!

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Você tem a Zina – do que mais você precisa?

MOSE: Bem, exatamente. Precisamente.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Vamos lá – encontrar algum tipo de grupo de apoio não é importante!

MOSE: Walt – eu te dei cinquenta centavos! Diga os cinquenta centavos!

(Walt olha para a moeda em sua mão.)

WALT: Desculpe.

(fala como antes)

Lembre-se, um verdadeiro receptor saliente é silencioso.

MOSE: Sim. Você pode dizer isso novamente.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Então – você viu o novo filme da Greta Gerwig?

(Walt sai. Zina entra e senta com Mose.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ainda assim, Eakins encontra algum conforto.

MOSE: ...e o sol era fantástico – super-forte e tipo, constante, só constante. E a cidade é imensa, mas eles organizaram esse sistema de tráfego em Phoenix que torna realmente fácil de andar por lá. Fiz talvez um único retorno o tempo inteiro que estive lá.

ZINA: Legal.

MOSE: E uma noite, acho que era terça, tive tempo de pegar um cinema – não é algo que você assistiria, eles só têm baboseira comercial lá.

ZINA: Que legal.

MOSE: Sim.

ZINA: E aqui... não tem muito para contar. Exceto que eu acho que vou fazer aula de meditação.

MOSE: Uou. Ótimo!

ZINA: Obrigado, gato. Sim, deve ser realmente interessante. Tem um centro na Rua Shelburne onde eles trabalham com um tipo de meditação chamada Anapanasati–

MOSE: Ana passa naipe–?

ZINA: –que parece realmente intrigante. A técnica é sobre prestar atenção em sua respiração – apenas escutando a si mesmo inspirar e expirar, inspirar e expirar, e usar isso para parar todo o infindável ruído ricocheteando ao redor de sua cabeça – sabe, ‘Finja isso!’ e ‘Queira aquilo!’ e ‘Compre isso e então – então! – a vida será melhor, você será amado’. Todas essas coisas têm tanto poder sobre nós.

MOSE: Mas o que–

ZINA: Novamente, gato, eu realmente quero agradecê-lo por me apoiar nisso.

MOSE: Minha querida, é um prazer. Então, o que fazemos hoje à noite?

ZINA: De verdade, é tão bom que você não está sendo crítico, ou negativo.

MOSE: Hei: é pra isso que estamos aqui. Então: talvez um filme? Mas em casa, Ok? Eu não quero sair.

ZINA: É como se, esse tipo de meditação – parece como o antídoto, você entende?

(Mose se retesa, olha para Zina.)

Ah – certo, vamos em frente. Então, o que você quer fazer hoje à noite–?

MOSE: Zina! Eu...! Escute, Z – Eu, eu tenho que ir. Eu – meu voo sai às seis amanhã de manhã e–

(Mose foge. Zina sai confusa. Mose vai para o turbilhão.)

Isso é possível? Passaram semanas! Zina e eu estivemos falando sobre tudo que existe sob o sol desde que a imparlência apareceu. E ela–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Quem pode saber? A totalidade das investigações humanísticas contemporâneas levam para a certeza que a certeza não é mais averiguável.

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com Richard Kimball de Stanford, os avanços da banda larga e da habilidade computacional provaram que a linguagem é uma tecnologia falida. Deveria ter sido abandonada no teste beta.

MOSE: Mas Zina e eu, nós passamos noites inteiras junt–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Para além de suas limitações mecânicas, a linguagem porta resquícios sociais. Necessidade de aceitação. Necessidade de convencimento. Deformações vindas de relações de poder e de status.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Agora acrescenta barreiras culturais. Pense em sua herança linguística, também conhecida como a sabedoria das eras: não julgue um livro pela capa–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Mas o hábito faz o monge.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Quem não arrisca não petisca–

MEMBRO DO TURBILHÃO: O seguro morreu de velho.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Diz-me com quem andas que te tirei quem és–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Enquanto os opostos se atraem.

MEMBRO DO TURBILHÃO: A vida não examinada não vale a pena ser vivida–

MEMBRO DO TURBILHÃO: E a curiosidade matou o gato.

MOSE: Ok... Mas–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins, não se preocupe se você não compreender imediatamente. Se você não conseguir de primeira, tente, tente novamente.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Muito embora a definição de insanidade é fazer a mesma coisa repetidamente, mas esperar resultados diferentes—

MOSE: Ai!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Portanto, a compreensão permanece evasiva. William H. Gass, da Universidade de Washington, descreve a compreensão como, cito, Nada mais do que um momento – usualmente uma batida do coração – quando fatores externos se juntam para reforçar a ilusão de alguém. Fim de citação.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Gass acrescenta: E qual pode ser o valor disso?

MOSE: Eu não—

MEMBRO DO TURBILHÃO: A única resposta adequada, de acordo com Rousseau, é a independência de pensamento. Rosseau disse que você deve despir-se das restrições sociais e culturais e mover-se para o pensamento livre, onde você é seu próprio autor, seu próprio juiz, seu próprio mestre—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —desimpedido e irrestrito em suas capacidades para se envolver com o mundo.

MEMBRO DO TURBILHÃO: A cultura é uma prisão cujos muros você deve estilhaçar—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Cujas sentinelas, Mose Eakins, você deve assassinar!

MOSE: Mas—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Rosseau foi o pai do Iluminismo!

(pausa)

MOSE: Uou... Ok. Eu... Obrigado.

(Mose devaneia.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Assim Eakins começa sua liberação interior. Mas ele ainda deve ganhar seu pão. Ele é grato por seu trabalho no restaurante.

(Mose leva clientes (invisíveis) para suas mesas.)

MOSE *(para si mesmo):* E apenas continue sorrindo, continue sorrindo...

(Ele leva os próximos clientes.)

...Mas agora eu não me importo, porque eu vi através das ilusões do mundo decadente.

(Gobetz se aproxima.)

Sim, Sr Gobetz.

GOBETZ: Venha aqui! É o momento mágico. Dia do pagamento!

MOSE: Ah – ótimo. Eu estava me perguntando sobre–

(Gobetz conta as notas.)

GOBETZ: Os clientes continuam muito impressionados. Mantenha o bom trabalho!

(Gobetz dá o dinheiro para Mose, que o conta.)

MOSE: Obrigado, Sr. Gobetz. Estou satisfeito que você está feliz com o que eu estou... Mas, hum, com licença, Sr. Gobetz... Eu trabalhei mais de trinta horas por semana. Eu mantenho anotado. Isto–

GOBETZ: Sim, realmente excelente!

MOSE: –Isto é só cento e quarenta dólar– é menos do que o salário mínimo. Muito menos que–

GOBETZ: Você tem futuro neste negócio!

(Gobetz sai. Mose corre para a cozinha, onde os três Bobs estão trabalhando.)

MOSE: Bob...? Bob–?

BOB 1: Olha essa é uma grana pesada que você tem em vossa mão, homem da frente. Uma grana pesada!

(O grupo ri.)

BOB 2: Você recebeu tudo isso por apenas uma semana de trabalho?

(O grupo ri novamente.)

MOSE (para Bob 1): Bob, isso não pode estar certo. Quarenta, quarenta e cinco horas de trabalho e–

BOB 1: E ainda por cima – você recebe gorjeta, também? Fiuu!

BOB 2: Hei, não são gorjetas. São gratificações!

BOB 1: Ah, sim! Ah, sim!

(*para Mose*) Todos os vossos voluptuosos ganhos mais gratificações? Homem da frente, sois um rei, vivendo às pampas!

MOSE: Certo. As gratificações.

BOB 1: Você é um rico homem da frente, homem da frente. Um rico homem da frente!

MOSE: Mas... mas das gratificações, quando dividimos elas todas as noite, o que recebemos, normalmente: talvez vinte dólares? Vinte dólares para cada um? Não é suficiente para viver!

BOB 1: No restaurante Chez Jackie, homem da frente, você não conta vosso dinheiro. Você conta vossas bênçãos.

MOSE: Quer dizer, é ótimo que dividimos as gratificações. Mas como vocês chegam até o fim do mês? Bob! Caras! Isto é...!

(*Mose vai até o turbilhão, fala com eles.*)

É impossível! Ninguém vive com isso.

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com Heinz Kohut, uma acomodação saudável à realidade inclui aceitar, livremente, as coisas que não estão de acordo com as nossas preferências, mesmo as que consideramos repugnantes.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Enquanto se compreende que o sacrifício individual é frequentemente a favor de um bem maior. O mercado livre é o melhor meio conhecido pelo homem para alocar os recursos sociais – em termos de preços, em termos de salários–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Em termos de todas as coisas centrais para a continuidade social.

MEMBRO DO TURBILHÃO: E o que sustenta as maravilhosas eficiências do mercado livre é a liberdade humana – a liberdade de escolha.

MOSE: Claro–

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com John Locke, a boa vida é onde as leis internas de alguém, escolhidas livremente, estão de acordo com as leis de sua cultura.

MOSE: Mas elas estão! Eu estou! Eu nunca violei nenhuma lei–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Evite divergências interiores/exteriores!, diz Locke. Estime a liberdade de sua cultura como forma de possibilitar a sua própria!

MOSE: Sim... Vocês estão certos. Novamente, vocês – vocês estão certos. Obrigado.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Para Eakins, em 18 de agosto, os preceitos de Locke pareceram verdadeiros. Ele decidiu aplicá-los onde são mais importantes.

(Mose anda com Zina, que entrou.)

MOSE: ...Sim, Z, estou realmente contente: O engenheiro de solo não estava com seu relatório pronto, então pude voltar mais cedo. Quer dizer, eu não me importaria de ficar em São Diego mais uns dias – mas dada a chance de voltar para você: Nada a contestar!

(Ele beija ela.)

ZINA: Obrigado, gato. Ótimo que você está aqui. Então, qual é o ânimo para hoje à noite?

MOSE: Que tal um filme?

ZINA: Parece bom.

MOSE (gentilmente): Talvez você queira ver o três rodas, três rodas, dingo dingo oh merda dingo?

ZINA: Claro. Vamos lá... Na verdade, eu ouvi boas coisas sobre o novo filme com a Cate Blanchett. É um indie – ela está realmente se superando.

MOSE: Ok...

(irrompendo) Zina... Zina, puxa! A quanto tempo você – nós–?

ZINA: Quer dizer, as críticas foram bem boas, e–

MOSE: Isso começou antes ainda do meu... Todo nosso relacionamento foi só um carnaval de imparlência–?

ZINA: –e de qualquer forma vale a pena olhar para a Blanchett. Talvez vemos esse filme, então?

MOSE: Ok, gata, como quiser... Quer dizer, Zina, meu bem, meu único–

ZINA: Ótimo. Eu ouvi coisas muito boas sobre ele–

MOSE: Escute, Z, eu – me desculpe, eu tenho – eu acabei de lembrar eu...

(Mose pega seu celular, aponta para ele.)

Eu tenho que...!

(Mose sai correndo.)

ZINA: Então talvez nos encontramos mais tarde, no cinema?

(Ela acena confusamente, sai. O palco está vazio. Pausa.)

WALT *(fora do palco):* ...O que eu posso te dizer, cara. É difícil. É realmente difícil!

(Mose e Walter entram, passeiam.)

MOSE: Obrigado. Mas Walt – o que, o que eu deveria...?

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Segura firme, cara. Segura firme!

MOSE: Mas eu estou, tipo, totalmente perdido. Totalmente por mim...

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: A solidão é um estado existencial, a realidade irremediável de nossa passagem terrena. Até Huxley, o grande humanista, disse que nós somos, cito, “universos ilhados”. Fim de citação.

MOSE: Sim. Acho que li essa.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Tudo vai ficar bem–

MOSE: Oh, pare. Fale sobre ilusões! Você está vivendo em seu próprio mundo, cara! Como você vem com essa merda! Nada vai mudar para mim – nunca!

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Tudo vai ficar bem.

MOSE: Hum. Eu queria poder acreditar nisso.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Tudo vai ficar bem.

MOSE: Obrigado. Sim. Você está certo. Eu vou – eu vou ficar Ok.

(pausa)

Droga, não! Walt – chega, ok? Chega de seus clichês e paliativos! Algo real, por favor! Uma resposta real – algo que venha do coração!

(Walt olha para Mose. Pausa. Então Walt estende sua mão, para uma moeda. Mose se separa, vai até o turbilhão.)

MOSE: Eu não... Isso é a única coisa que sobrou?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sartre! Salvação – apenas através da ação!

MOSE: Certo. Ok!

(Mose atravessa até Zina, que entrou.)

Zina – oi, gata.

ZINA: Oh, oi. Você cuidou de seus outros negócios?

MOSE: Cuidei – com certeza cuidei. Hei: venha aqui.

(Ele a toma em um abraço.)

ZINA: Oh... Uou! Obrigado, gato, eu–

MOSE: Z, gata, escute. Sabe, nós temos tanta história juntos – tantos anos e bons tempos – a viagem para Kyoto, o aniversário da Janie, lembra lá fora no pátio? Gata, nós temos tanta coisa juntos – e é isso o que conta, é isso que conta. Quer dizer, você significa mais para mim do que eu posso expressar, enfim – você é minha fonte, minha chama, a origem da minha bondade... E meu Deus, finalmente – finalmente! – eu posso dizer isso... E então sim, eu entendo a situação entre nós, estou completamente ciente de onde estamos. Mas o que são os casais sem problemas, que casais conhecem uma comunicação perfeita... Mas nós temos algo bom, e sólido, e absolutamente válido de se preservar... Os defeitos não são nada comparados com o que você ainda – ainda! – dá para mim. Nós ainda estamos muito melhor juntos!

(Ele beija ela.)

ZINA: Hummm. Obrigado, gato. Eu amo quando você é romântico.

MOSE (pausa): Eu te amo, Zina.

ZINA: Eu também te amo. Então, gato, vamos ao da Cate Blanchett hoje à noite?

(Mose reage, dispara para a cozinha do restaurante. Zina sai.)

MOSE: Caras – Eu...! Me desculpem, eu estava apenas um pouco cansado de... lidar com todos os clientes lá fora.

BOB 2: Hei, homem da frente, me alcança aquele pano?

MOSE: Claro.

(Mose dá o pano para Bob 2, então usa outro pano para secar pratos.)

BOB 1: Maravilha, homem da frente! Ajudando! Ajudando!

(Mose sorri, continua a trabalhar.)

Em casa, eu tento fazer minha filha fazer isso. Não é o mais fácil–

(Gobetz irrompe, agarra Bob 2.)

BOB 2: Hei... Hei–!

GOBETZ: Fora! Saia daqui! Ladrão miserável! Saia!

BOB 2: Espera, Senhor Gobe...! Eu–!

(Gobetz arrasta Bob 2 para fora do palco. Gobetz volta ao grupo, então volta-se para a equipe.)

GOBETZ: Uma vez que começa, nunca para!

(Gobetz sai. Todos reagem. Pausa.)

MOSE: O que foi–?

BOB 1: Ah sim. Mais uma vez. Passai-bem, oh Bob.

MOSE: Mas o que–?

BOB WEAVER: Estou feliz que ele não veio atrás de mim. Sabe, pode me chamar de cúmplice.

BOB 1: Você deu alguma coisa para ele?

BOB WEAVER: Está louco?

MOSE: Caras – o que–?

BOB 1: Eu conhecia ele. O cara estava faminto. Cinco pessoas que ele está cuidando em casa. Vós sabeis disso, Bob Weaver?

BOB WEAVER: Não sabia.

BOB 1: Esposa com deficiência nas costas. Cara...

MOSE: Então ele pegou algo para comer? É por isso que—?

BOB 1: Ele conhecia as regras. Eu estava aqui quando o Senhor G explicou elas para ele. Quando ele mostrou para ele a câmera.

(Bob 1 gesticula para o alto da parede dos fundos.)

MOSE: O que — tem uma câmera nessa cozinha? O que—?

BOB 1: Não escutou.

MOSE: Monitorando vocês—?

BOB WEAVER: Não consegue escutar. Muita fome — faz qualquer coisa.

MOSE: Espere. Vocês trabalham com comida o dia inteiro — lidando com ela, preparando para outras pessoas. E vocês não podem—?

BOB 1: Bem, a câmera não mente. Ainda que não seja muito boa em flagrar a fome.

MOSE: Mas isto é — isto é inacreditavelmente cruel—!

BOB 1 *(para Mose):* Não olhe para mim desse jeito, homem da frente! Eu sou um sortudo! Eu tenho apenas duas pessoas para cuidar em casa! Apenas duas pessoas para cuidar com a minha abundância de quatro dólares por hora!

MOSE: Quatro dólares por hora? Isto é—!

BOB 1: Mais gratificações!

MOSE: Isso é obsceno!

BOB WEAVER: Sim... Uma vez que para, nunca começa novamente.

(Ele ri ironicamente.)

BOB 1 *(esbraveja):* NÃO ria, Bob Weaver! Vós não deveis rir de nada disso!

(Bob 1 e Bob Weaver retornam ao trabalho. Mose corre para o turbilhão.)

MOSE: Vocês viram aquilo?

MEMBRO DO TURBILHÃO: É claro.

MOSE: Então — então o que vocês pensam disso? O restaurante é uma fonte de dinheiro. Gobetz é um monstro!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Muitos concordariam com isso.

MOSE: Mas – mas ele me deu um emprego... O único que pode–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você está correto. É essencial separar o significante do insignificante, o pleno de sentido do–

MEMBRO DO TURBILHÃO: – do sem sentido.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sinal–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –do barulho.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Por doze dias agora, você tem trabalhando no meio disso. E durante este tempo com certeza você percebeu–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –sentiu–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –intuiu–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: –a verdade de sua situação. Ainda assim, você não sabia.

MEMBRO DO TURBILHÃO: O que mudou? Como você amadureceu de uma passividade ciente para uma consciência tanto vigorosa–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –quanto engajada? A resposta é informação.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Norbert Wiener fala de uma relação recíproca entre informação e compreensão–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Quanto mais há de um, Wiener diz, menos do outro.

MOSE: Ele está certo–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Mas Alvin Goldman afirma que a informação é o predecessor da compreensão, sua precondição.

MEMBRO DO TURBILHÃO: A posição de Goldman é vista como otimista, em termos de um melhoramento humano–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Porque, como Paul Davies argumentou, toda experiência–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –o próprio universo–!

MEMBRO DO TURBILHÃO: –é composto de informação, dados do tipo Boolean⁸ que contêm e explicam a totalidade de possibilidades. Nosso universo é informação aguardando para ser gravada, uma fonte ilimitada para a compreensão–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –que pode então ser convertida em mais informação!

MOSE: Ok...

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ken Wilber diz, informação é nossa amiga – nossos meios de organizar o fluxo do universo e esbarrar em algo compreensível–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Enquanto o Doutor Oz argumenta que informação é amor: um meio para forjar uniões, um receptáculo para compartilhar, a semente para crescer.

MOSE: Mas–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Aceite: Informação é o romance do universo, o juntar erótico do fenômeno e da consciência para criar algo maior.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Enquanto tal ela é sua serviçal, sua amável serviçal, oferecendo a você sentido e estabilidade.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Então você deve amá-la – estimá-la como deve ser estimada–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Finalmente, a informação é nosso refúgio das agonias pós-modernas, algo que não pode ser relativizado ou desconstruído–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –e portanto uma possibilidade de liberação!

MEMBRO DO TURBILHÃO: O potencial de uma compreensão–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –que transcende a compreensão!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Confere?

MOSE: Hum – sim! Ok! Obrigado. Muito – hum, muito obrigado...

(Mose, reflexivo, sai andando.)

MEMBRO DO TURBILHÃO *(para a audiência):* O novo aprendizado de Eakins lhe dá conforto, segurança.

⁸ O tipo de dado Boolean é um dado primitivo que possui dois valores geralmente representados como 0 e 1 que indicam o verdadeiro e o falso de uma relação, um recurso aplicado em ciências da computação. N. do T.

(Mose pega seu celular, digita. Zina entra com seu celular, fala através dele.)

ZINA: Olá.

MOSE: Oi, gata. É bom ouvir sua voz.

ZINA: Oh, eu estou bem.

MOSE: Sim... Escute, Zina, gata, eu só queria entrar em contato, Ok?, e deixar você saber o quão imensuravelmente muito você significa para mim. Em qualquer forma que perpassa a calma da minha respiração, as pausas fáceis—

ZINA: Hum. Eu peguei o hambúrguer vegetariano—

MOSE: Tenho certeza que alguma coisa é comunicada... E é o suficiente para mim — é o suficiente para nós ser assim... Zina, gata, o que estou tentando dizer é que eu aceito a situação, eu aceito ela e você e todo pesar e júbilo que ela trará. Amor é aceitação — aceitação radical.

ZINA: Obrigado, gato. Sabe, estou feliz que você ligou, porque eu realmente estive querendo dizer obrigado, novamente, por todo apoio e generosidade que você me dá. É realmente lindo.

MOSE: Ótimo ouvir isso.

ZINA: Mas isto também é uma parte de — eu não sei... É como, algumas vezes eu sinto como se eu estivesse me sujeitando demais a você... Que quando estou com você eu frequentemente nego meus próprios desejos... Não sei, é como se eu ignorasse a mim mesma, e o que eu quero, e quem e o que eu sou—

MOSE: Z—

ZINA: Quer dizer, eu adoro você, Mose, realmente, eu adoro nosso tempo juntos e tudo o que você faz por mim... Mas é como se você — sua generosidade, sua linda generosidade... Ela impõe demandas sobre mim — demandas que eu não quero mais!

MOSE: Eu não—

ZINA: Quer dizer, toda essa coisa patriarcal que você impõe sobre mim, todas essas estruturas do patriarcado que... Quer dizer, eu sei que não estou expressando isso direito... Mas, gato — gato! — eu só acho que nós deveríamos dar um tempo, Ok?, que nós deveríamos—

MOSE: Zina, o que—?

ZINA: Gato, me desculpe, mas a maneira que você se impõe sobre mim – quer dizer, nós acabamos, Ok?, nós–

MOSE: Mas–!

ZINA: Gato, nossa história acabou, Ok? Não quero mais ver você!

MOSE: Zina, isto...! Isto é...! Zina, por favor...!

ZINA: Obrigado, gato. Eu sabia que você entenderia. Você sempre foi tão sensível.

(Mose desliga. Zina sai. Mose corre através do palco.)

MOSE: Walt! Walt...!

(Mose puxa Walt desde a coxia.)

Walt, você pode...? Me ajude com isso!

(Walt olha para Mose.)

Vamos lá, cara!

(Walt olha para Mose.)

Oh, Jesus...

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: E esse tempo, hein!

MOSE: Sim...

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Como você está hoje?

MOSE: Bem... E como vai você?

(Mose dá dinheiro para Walt.)

WALT: Soli-dão é nosso estado existencial, a realidade irremediável de nossa passagem terrena–

MOSE: O qu...? Eu não pedi por...!

(Ele percebe.)

Ah. Me desculpe. Meu erro. Eu dei a quantia errada. Aqui.

(Mose dá dinheiro para Walt.)

Então... Como vai você?

WALT: Cada dia é sagrado.

(Pausa. Walt olha para Mose.)

Você acha que é fácil para mim?

MOSE: Eu—

WALT: Você acha que é digno para mim – servir como seu fantoche?

MOSE: Não, eu—

WALT: Seu autômato? Coloca a moeda na fenda e olha a máquina funcionar?

MOSE: Eu—

WALT: Cadê seus pensamentos sobre mim enquanto uma pessoa? Enquanto um ser humano, com sentimento e com dignidade.

MOSE: Eu – Eu sinto muito—!

WALT: Cadê?

(Walt olha para Mose. Pausa. Walt coloca a mão em seu bolso, tira todo dinheiro. Ele tenta dar para Mose, mas Mose recusa. Walt força o dinheiro sobre Mose até que ele aceita. Pausa.)

MOSE: Tudo vai ficar bem.

WALT: Besteira.

(Walt sai andando. Mose o segue por alguns passos, corre para o turbilhão.)

MOSE: Caras, o que...? Ok – eu – eu vou me afundar no trabalho. Me afundar no trabalho!

(Mose anda depressa para o restaurante, fala com clientes (invisíveis), os leva até suas mesas.)

Olá. Como vai. Por favor, por aqui.

(Mose leva os próximos clientes.)

Olá. Como vai. Por favor, por aqui... Só não deem nenhum passo dentro da cozinha, vocês não encontrarão nada apetitoso lá!

(para si mesmo) Argh!

(Mose corre para o turbilhão.)

Caras – caras, por favor: Vocês já encontraram alguma maneira para que eu contate algum desses grupos que vocês falaram – sabe, os grupos de terapia, aqueles para pessoas com im–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você já mencionou esta questão três vezes.

MOSE: Eu – eu sei–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Por que você gostaria de encontrar um grupo cujas palavras não significariam nada para você?

MOSE: Eu–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Onde toda comunicação tem resultado zero?

MOSE: Eu sei – eu entendi!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Talvez você não queira. Você entraria em um sumidouro: ninguém expressando, ninguém recebendo, uma situação que apenas multiplicaria a sua miséria. Como isso poderia fazer algum bem–?

MOSE: Porque faria! Faria... Mesmo que fosse para estar com pessoas que *sabem* que elas não podem se comunicar umas com as outras.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sr. Eakins, o seu grupo é o mundo inteiro.

(Mose reage, move-se para longe do turbilhão. Ele cai de joelhos, levanta suas mãos fechadas em oração.)

MOSE: Senhor... Senhor...! Você que escuta... Você que escuta a música humana... e considera todas as proposições sobre a vida... Você para quem nada é flugabuga...! No começo havia o mundo!

(Mose se levanta, escuta.)

O que é isso...?

(pausa)

O que é isso...?

(Pausa.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com Daniel Dennett de Tufts, as consolações da fé são ainda mais necessárias em nosso mundo mecanizado, econômico e dissecado.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Muito embora, ultimamente, elas não satisfazem.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Enquanto C.S. Lewis diz que a fé é a permanente comunicação humana.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Mas você não deve escutá-los—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Todas as coisas significativas você deve encontrar por si mesmo!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Lembre de Benjamin Franklin: Independência de pensamento! Liberdade de julgamento! Pensamento livre como o único caminho para verdade e identidade—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: E Hegel! História é a progressiva realização da liberdade—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Spinoza! A medida da humanidade é a autonomia!

MEMBRO DO TURBILHÃO: De fato, a tradição remonta a Agostinho—

MEMBRO DO TURBILHÃO: —que diz: Autoridade é a mais fraca forma de prova.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Acredite nele!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Dê autoridade total para qualquer homem que denuncia a autoridade!

(Mose reage. Então reflete, perdido em pensamento.)

MOSE: De fato... Você está certo. Você está certo! Liberdade — me foi dada liberdade!

Liberdade extraordinária, talvez uma liberdade maior que qualquer um jamais conheceu! Eu posso dizer exatamente o que eu quero, sem medo de riscos políticos ou mutilações sociais. Quer dizer, finalmente eu posso dizer — para qualquer um! — todas as coisas que eu sempre quis dizer!

(ANGELA, uma jovem mulher, entra e senta em uma cadeira, lê um livro. Mose corre até ela, senta, fala com ela.)

Senhora, eu sou pequeno, e ansioso, e loucamente temeroso... Eu me sinto tão frágil e inconstante, um sopro de vento no furacão da história... E algumas vezes minhas habilidade de viver com essa — algumas vezes o mecanismo de proteção que eu

arnei para bloquear minha consciência sobre isso diminui – mesmo que por um microsegundo – e eu sou invadido por medos e pavores e uma vergonha de abalar o coração tão horrível que eu–!

ANGELA: Amém para isso!

MOSE: Senhora, algumas vezes eu me sinto tão inadequado... E meu sofrimento é uma prova: eu sou inadequado até mesmo para proteger a mim mesmo de meus sentimentos de inadequação!

ANGELA: Hum.

(*pausa*)

MOSE: Eu... Perdoe-me... Eu estou bem, Eu...

(*Pausa.*)

ANGELA: Umass coisas bem pesadas você tem vivido.

MOSE: De verdade, eu estou Ok–

ANGELA: O tipo de sentimento que a ninguém está permitido confessar.

MOSE: Só estou falando sozinho.

ANGELA: Então o que está comendo você por dentro assim?

MOSE: Oh... Eu acho que é algo no trabalho. Ruim a situação lá.

ANGELA: Normalmente é o caso. Quer dizer, no meu trabalho–

MOSE: E não sei o que posso fazer sobre isso – hei! Espere! Você me entende–?

ANGELA: Quer dizer, meu chefe, ele é só um grande canalha. Um grande–

MOSE (*desapontado*): Sim. Claro. O que eu estava pensando?

ANGELA: Tipo uma vez ele–

MOSE: Siga... Apenas siga.

ANGELA: Obrigado. Então, sim, no meu emprego, uma vez–

MOSE: Espere – você entende...? Você me escuta?

ANGELA: Hei, não tem nada de errado com os meus ouvidos!

MOSE: Eu–!

ANGELA: Então o meu chefe – eu também tenho esse chefe que é o pior–

MOSE: Eu – eu não acredito!

ANGELA: De verdade – ele é o pior!

MOSE: Não não – é que...! Mas siga, por favor. Siga!

ANGELA: Eu vou, se você me deixar!

(Angela sorri para Mose. Ele sorri e acena de volta.)

Então, sim, esse cara para que eu trabalho–

MOSE: Na verdade, poderia segurar por um segundo? Segure essas palavras!

(Mose corre para um HOMEM passando.)

Com licença, você sabe que horas são?

HOMEM: Meu governo certo ou errado!

(Mose volta-se para Angela.)

MOSE: Não vá a lugar nenhum!

(Mose corre de volta para Angela, se senta. O homem sai.)

Desculpe. Então, você estava dizendo.

ANGELA: Sim. Então, tipo, meu chefe–

MOSE *(com excessivo interesse)*: Sério? Oh, sério?

(Angela olha para Mose confusa.)

Desculpe! Por favor – continue.

ANGELA: Então, sim, meu chefe, seu nome é Lumbo – você acredita nisso, o primeiro nome do cara é Lumbo! – de qualquer forma, nós estamos na Seguradora Stevens – e eu posso te garantir que a única coisa que eles asseguram são os lucros finais deles... Quer dizer, você não acreditaria como eles distorcem os números... Números! Eles deveriam ser objetivos!

MOSE: Nem me diga. Eu trabalhava em uma companhia de petróleo. Mas agora eu estou trabalhando em um restaurante, e o que eu vejo–

ANGELA: Sim – restaurantes. Todo mundo sabe o que acontece neles. E eles não sabem. Não querem saber sobre isso.

MOSE: Bem, eu sei sobre isso agora—

ANGELA: As pessoas: pura falação e nada de ação.

(pausa)

MOSE: Então, hum... Qual o seu nome?

ANGELA: É Angela. Você?

MOSE: Mose. Prazer conhecê-la.

ANGELA: Prazer conhecê-la —essa é original!

(Ela sorri.)

Desculpe. Hei, sabe como eles perguntam seu nome na França? Comment tu t'appelles. Significa, como você se chama a si mesmo.

MOSE: Sim.

ANGELA: Não é sagaz? Sua identidade é como você chama a si mesmo. Pode estar certo.

MOSE: Hum. Escute, Angela, eu, tipo, sinto muito, mas eu tenho que voltar para o trabalho.

ANGELA: Não precisa se desculpar—

MOSE: Quer dizer, eu adoraria ficar aqui com você — você não imagina o quanto — mas não posso perder este emprego.

ANGELA: Este é um clichê que eu entendo.

MOSE: Sim. Então, hum, você vem aqui com frequência?

ANGELA: Você vem aqui com frequência...? Já ouvi essa antes também!

MOSE: Me desculpe. Eu—

ANGELA: Eu chego aqui a maior parte dos dias por volta das 5:15. Desintoxicação depois do trabalho.

MOSE: Sim. Então, Ok — talvez nos vejamos. Então: foi bom conhecê-la. De verdade, foi bem bom.

ANGELA: E voltamos para a conversa fiada novamente. Não consegue fazer melhor que isso?

MOSE: Sim. Me desculpe. Farei melhor na próxima vez.

ANGELA: Oh, está Ok. Não se preocupe comigo. Eu gosto de conversa fiada. Conversa fiada, diversão garantida.

(Ela ri. Mose anda para longe dela enquanto ela sai.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Às 6:12 da noite Eakins retorna ao restaurante Chez Jackie–

MEMBRO DO TURBILHÃO: –recentemente revigorado.

(Mose fala animado com os clientes (invisíveis), os leva para suas mesas.)

MOSE: Bem vindos! Por favor, venham por este – oh, vão até a droga da mesa sozinhos! Eu sei que vocês conseguem!

(Mose corre para a cozinha. A equipe, trabalhando, agora inclui BOB 3.)

Hei, caras – caras! Nós temos que...!

Oh, olá. Quem é–?

BOB 1: Homem da frente, deixe-me introduzir a vós... Bob. Um bom homem. Veio essa tarde.

BOB 3: Como vai.

(Bob 3 aperta a mão de Mose.)

MOSE: Hei, Bob, bem-vindo. Prazer conhecê-lo. Você é de onde?

(Bob 3 retorna ao trabalho. Mose reage, aborda Bob 1.)

Bob – caras... Desculpe por me intrometer, mas, sabe, eu, tipo, estava pensando... Por que vocês aguentam as condições aqui? Como vocês aguentam–?

BOB 1: Alcança aquela toalha ali, homem da frente.

(Mose recua, dá a toalha a Bob 1.)

MOSE: Caras, de verdade. A base de pagamento – quatro dólares por hora! A proibição contra comer qualquer coisa. Você está morrendo de fome para... Isto é–!

BOB 1: Eu sei o que pensas, homem da frente. Eu sei em alto e bom som. Tempos difíceis, sim senhor, sim senhor. E em tempos difíceis, um homem não reclama.

MOSE: Mas–

BOB 1: Aqui temos nosso salário, você tem sua posição–

BOB WEAVER: Você tem suas gorjetas. Todo dia você recebe suas gorjetas—

MOSE: Claro. Mas ontem à noite, depois, o que, de dez horas de trabalho, um longo, longo dia, o que recebemos de gorjetas – dezoito dólares? Não foi isso? Dezoito dólares por cabeça! Caras, isso não é nada! É injusto!

(aponta para Bob Weaver)

É injusto para você!

(aponta para Bob 1)

É injusto para você—!

BOB 1: NÃO gesticule dessa maneira na frente da câmera, homem da frente!

(indica a parede dos fundos)

NUNCA gesticule dessa maneira na frente da câmera!

MOSE: Caras – caras! Vocês têm que – nós temos que—!

(Mose sai, corre para o turbilhão.)

Eu – caras! Eles não vão ouvir! Eles não—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você está suando—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você está aflito!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Seus batimentos estão acima de 180 por—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sua pressão sanguínea está acima de vinte por—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com a Revista da Associação Médica Americana, essas são consequências fisiológicas da imparlência—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Respostas corporais—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Agudas—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Degradações físicas—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Pesquisas mostram que, como resultado do stress social resultante, oitenta e cinco por cento dos imparlentes sofrem com declínios significativos em suas defesas corporais—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Em sua capacidade de repelir predadores!

MEMBRO DO TURBILHÃO: É como se seu sistema imunológico estivesse terminando—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Desligando—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Vírus e outros invasores não podem ser neutralizados—

MEMBRO DO TURBILHÃO: De acordo com Val Moreno de John Hopkins, a imparlência pode levar à total incapacitação de seu mensageiro RNA!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Levando rapidamente a uma degradação pan-somática meta-genética!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Também não é a melhor coisa para o ácido estomacal!

MOSE: Ai...!

(pausa)

Mas... Ok. É – é importante saber. Obrigado.

(Mose fica perturbado. Ele então vê Angela andando. Ele vai até ela.)

Hei, Angela!

ANGELA: Oh, Mose – oi! Hei, você está me seguindo?

MOSE: Não não – não mesmo. Apenas passando para ver se você estava aqui – você disse 5:15, certo? Então, hum, talvez você queira passear?

ANGELA: Passear...? Claro.

(Eles perambulam.)

Então como vai?

MOSE: Estou Ok... Estou bem.

(Angela olha para ele.)

Sim, me desculpe – sem conversa fiada.

(oficiosamente) Meus humores estão variando dentro dos parâmetros aceitáveis.

(Angela ri.)

Sério. Não posso reclamar. Literalmente!

(para si mesmo) Hei: talvez tenha um lado bom desta—

ANGELA: O que você—?

MOSE: Me desculpe. No mais estou feliz em te ver.

ANGELA: Obrigado.

MOSE: E você?

ANGELA: Estou bem. Dia difícil no trabalho. James, um colega meu – cara realmente legal – ele foi demitido. Inacreditável. Não cumpriu algum tipo de cota ou algo assim. Cara, eles nos mantêm em rédeas curtas. Muito triste.

MOSE: Sinto por ouvir isso.

ANGELA: Isso é verdade? Isso é verdadeiramente verdade?

MOSE: Bem, eu sinto sobretudo por você estar chateada com isso.

ANGELA: Vê só- você consegue... Eu compensei meu dia difícil da melhor maneira que eu sei – no almoço, comprei um grande waffle com sorvete de morango.

(Ela começa a chorar.)

MOSE: Angela! O que—?

ANGELA: Não – estava bom... O sorvete estava muito bom...

MOSE: Mas qual é...?

(Angela vai até as cadeiras, senta, chora. Mose a segue.)

ANGELA: Me desculpe... Minha mãe, tipo, ela perdeu uma parcela da hipoteca – malditos aqueles caras! Ela mandou no vigésimo dia do mês – como ela sempre faz, como ela fez por dezoito anos! É quando ela recebe o cheque por incapacidade. E eles afirmam que nunca receberam o pagamento. A companhia da hipoteca está dizendo que eles nunca receberam—!

MOSE: Horrí—!

(Angela começa a chorar novamente.)

ANGELA: Me desculpe...! Eu não queria que você me visse assim!

MOSE: Angela – isto é —!

ANGELA: Eles são monstros – eles são...! O que eles estão fazendo é totalmente óbvio! É tudo um pretexto! Minha mãe vai ser jogada na rua!

MOSE: Meu Deus–

ANGELA: Ela não pode pagar nenhum advogado para defendê-la! Eles sabem disso, eles sabem disso perfeitamente!

MOSE: Então o que podemos–?

ANGELA: E eu não posso, eu não tenho–

MOSE: Você tem família–?

ANGELA: Quer dizer, eu ajudo ela tanto quanto posso – mais do que posso – mas eu tenho que fazer essa pequena cirurgia nas minhas costas–

MOSE: Oh, Ange–

ANGELA: –e eu não posso, eu não tenho...!

(Ela se recompõe.)

Me desculpe. De verdade, sinto muito, Mose. Mas essa coisa nas costas é... Eu não gosto de falar sobre isso. Já me dói o suficiente, não preciso fazer outras pessoas se sentirem mal.

MOSE: Não, por favor–

ANGELA: Mose, sério, me desculpe por–

MOSE: Por favor, não se desculpe! Você não tem que fazer isso. É pra isso que são os amigos – pessoas com quem você não tem que se segurar.

ANGELA: Obrigado. Então, Ok...?

(Ela se levanta, leva Mose para um passeio.)

MOSE: Então o que você vai...?

ANGELA: Gostaria de saber. Gostaria de saber.

MOSE: Quer dizer, eu ajudaria você, eu adoraria ajudar–

ANGELA: Oh, deixa disso–

MOSE: Sério! Eu–

ANGELA: Mose, você não tem que–

MOSE: Mas eu estou meio que em uma situação difícil no momento.

ANGELA: Hum. Sinto ouvir isso.

MOSE: Sim. É difícil admitir, mas eu estou, tipo, no final de minhas–

ANGELA: Por favor, Mose, eu não estava pedindo para você – isso só me deixaria mais triste. Humf. Existir é ser mal compreendido.

MOSE: Mas Angela... eu entendo você. Cada palavra.

ANGELA: Oh, pare.

(pausa)

Você é querido, sabe.

(Ela beija Mose na bochecha.)

Então – estávamos dizendo... Como você está?

(Ela pega o braço de Mose, passeiam.)

MOSE: Bem, já que estamos falando nisso – estou um pouco preocupado com minha situação financeira.

ANGELA: Você não está sozinho nessa!

MOSE: Mas eu vou ficar bem. Eu vou–

ANGELA: Sabe, eu decidi me voluntariar para esse novo projeto onde–

MOSE: Ah – me desculpe. Eu não deveria estar falando de mim novamente–

ANGELA: –onde, sabe, as crianças nas escolas têm de ter aula de justiça social.

MOSE: Legal. E isso é–?

ANGELA: Na verdade, eu espero que eles tenham que ter algumas aulas – sabe, é um grande tema –

MOSE: Grande ideia –

ANGELA: – talvez na terceira e quarta série, talvez na quarta série.

MOSE: Espere. Angela –

ANGELA: Sabe, quando eles são velhos o suficiente para entenderem.

MOSE: Eu... Espere. Hei, Angela – você conhece a Fatamorgana? É uma excelente sorveteria–

ANGELA: Eu espero poder ajudar com o currículo—

MOSE: É bem aqui perto —

ANGELA: — sabe, planejando o que as crianças aprendem —

MOSE: — bem na rua Libera. Eles têm waffles!

ANGELA: Por mais que aqueles educadores — rapaz, eles não deixam você entrar na —

MOSE: Não! Angela —!

(Mose dá um passo para longe de Angela.)

ANGELA: — aqueles professores são tipo super-protetivos com suas posições e —

MOSE: Angela...! Aonde você foi? Aonde você —?

ANGELA: Mas eu vou tentar...

(Angela, encarando Mose, começa a andar de costas, para longe dele.)

Com certeza eu vou me entregar para isso—

MOSE: Angie, não—!

ANGELA: Porque isso é algo bom, algo que eu —

(Angela, andando para trás, sai.)

MOSE: Angela! Eu — eu vou tentar te ajudar! Eu tenho algumas economias sobrando!

Você, ou sua mãe, eu vou dar...!

(Mose reage. Billings entra com seu telefone. O celular de Mose toca. Ele pega, atende.)

Olá —

BILLINGS: *(com urgência):* Mose — olá. É o Billings. Escute, há novidades sobre a Crandall Energy, a companhia que você comprou tão pesadamente—

MOSE: Claro —

BILLINGS: Mose, escute, os rumores se esvaíram —

MOSE: O que —

BILLINGS: Os rumores sobre informação interna, que levaram o preço a baixar tão terrivelmente —

MOSE: Então–

BILLINGS: A CVM⁹ determinou que não há nada por trás dos rumores. Era só ar, inflado por um competidor–

MOSE: Então–!

BILLINGS: Mose, eles estão limpos! A companhia é boa! E agora eles estão em tratativa para serem comprados! Mose, o preço está nas alturas – subiu oito por cento só hoje!

MOSE: Então venda –!

BILLINGS: Mose, você recuperou todas as suas perdas – e mais alguma coisa! Você está na –

MOSE: Então venda! Venda imedia–!

BILLINGS: Claro, você tem alguns ganhos de capital para pensar, mas –

MOSE: Billings, venda as ações! Venda tudo!

BILLINGS: Mose, por favor, me dê um sinal – eu acho que essa é uma boa hora para sair fora!

MOSE: Ok! Saia–!

BILLINGS: Você vai sair com uma coisa legal – dezenas de milhares, muitas delas! Mose, por favor, me escute!

MOSE: Billings – Eu estou escutando você! E eu estou lhe dizendo para vender cada ação que eu tenho! Não desligue esse telefone até você vender!

(Billings desliga seu telefone com frustração, sai. Mose reage, corre para o turbilhão.)

Angela me deixou – ela se transformou! O que–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Nas palavras do cantor, ator e líder de banda, Louis Prima: O endereço da vida é a tristeza.

MOSE: Então não há ninguém? Nem um corpo que respira que–?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Bem, sim. Há.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Certamente há!

⁹ Comissão de Valores Mobiliários, também conhecida como Security and Exchange Commission (SEC), agência federal dos EUA responsável pela regulação do setor de valores mobiliários. N. do T.

MOSE: Então –

MEMBRO DO TURBILHÃO: *Há* alguém que escuta tudo que você diz.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Alguém que presta uma extasiada atenção em cada palavra sua –!

MEMBRO DO TURBILHÃO: – que vive por suas opiniões!

MOSE: Então como eu –?

MEMBRO DO TURBILHÃO: E você o conhece.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você pode até conhecê-lo muito bem.

MOSE: Quem é essa pessoa?

(Simultaneamente, todos os membros do turbilhão apresentam espelhos e apontam eles para Mose. Ele reage.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Alguém que atenta para todas as suas sugestões–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Alguém que confere a cada uma das suas preferências uma absoluta autoridade –

MEMBRO DO TURBILHÃO: Que considera a mais singela das suas ideias inviolável–

MEMBRO DO TURBILHÃO: Que organiza toda sua vida ao redor dos seus caprichos e humores!

MEMBRO DO TURBILHÃO *(pausa)*: Mas Eakins... Qual o bem que ele faz para você?

(Mose corre para a cozinha.)

MOSE: Caras – caras!

BOB 1: Calma aí, homem da frente. Calma aí. Estamos em um período de luto.

MOSE: O que aco –?

BOB WEAVER: Aqui nós estamos entristecidos.

MOSE: Mas...

BOB 1: O Senhor G decidiu aumentar seu corte.

MOSE: O que?

BOB WEAVER: Subir sua tomada.

BOB 1: Retirar, toda noite, ainda mais do jarro de gorjetas.

MOSE: Espera. O Senhor G – ele pega das gorjetas? Das nossas gorjetas?

BOB 1: Não era mais suficiente os cinquenta por cento. A gerência agora requer sessenta por cento!

MOSE: Eu não – ele sempre...?

BOB 1: Sentimos que devemos contar a vós, homem da frente – que devemos vos preparar. Esta noite, sua renda divisível será divisivelmente reduzida.

BOB WEAVER: Cortada para quase nada. Isto é o que o Senhor G quer dizer com dividir!

BOB 1: Obrigado, Bob Weaver. Isto é o que o Senhor G quer dizer com dividir.

MOSE: Mas – isto é totalmente... É, tipo, abominável!

BOB 1: Homem da frente, há uma relação inversa entre dinheiro e verdade.

BOB 3: Sim. Quanto mais há de um, menos do outro.

MOSE: Mas caras... Caras! Como vocês aguentam isso? Por que vocês aguentam isso?

(A equipe volta a trabalha.)

Vocês têm de fazer alguma coisa. Nós temos de—!

BOB 1: Não olhe para mim desse jeito, homem da frente! Não lance vossos olhos de homem da frente sobre mim de tal maneira!

MOSE: Eu—!

BOB 1: Você está preocupado com nós, homem da frente? Vosso coração está chorando por vossos distintos colegas? Vós e quem mais?

(Bob 1 dá as costas a Mose e a equipe volta ao trabalho. Mose corre para o turbilhão.)

MOSE: Eles são...! Quer dizer, eles ganham migalhas! Eles não são permitidos a comer!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Assim é.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Tal, nos foi dito, é a ordem natural!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Então é contigo—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Contigo!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Mose Eakins—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: É a hora!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Realize a sua independência de pensamento—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sua independência de ser!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Diz Joseph Addison: Liberdade de pensamento compele à liberdade de ação!

MOSE: Mas eu... Eu nunca—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Agora!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Faça agora!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Milhões movem-se e agem e fazem enquanto você se senta imobilizado—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Inerte!

MOSE: Mas Gobetz é... Ele é—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele é um abusador—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Um explorador—!

MOSE: Sim!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Mas ele acredita em você.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele confia em você.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele te deu um emprego.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Ele está te pagando!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Centenas de pessoas gostam do seu restaurante—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Uma instituição duradoura e amada por sua comunidade!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Seus colegas de trabalho têm de cuidarem de si mesmos—

MEMBRO DO TURBILHÃO: De cuidarem de suas famílias—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Dezenas vão cair!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Suas vidas, suas existências – precárias e frágeis!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Acima de tudo, não cause dano.

MEMBRO DO TURBILHÃO: Não seja mal!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Honre vossa—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Dê a outra—

MEMBRO DO TURBILHÃO: Não matarás—!

MOSE: Silêncio! Por favor — chega! Eu—!

(Mose sai, corre para a cozinha. A equipe está trabalhando.)

Caras — chega! Chega disso! Vocês vão receber o que é devido. O que qualquer um na terra diria que é sua parte justa.

(A equipe continua a trabalhar.)

É o seu direito pegar alguma coisa para comer. Dividir da comida que suas mãos preparam. Tal como qualquer outra pessoa que vem a esse restaurante!

BOB 1: Hei, Bob Weaver, joga a toalha?

(Bob Weaver lança a toalha.)

BOB WEAVER: Aqui vai.

MOSE: Caras! Vocês não serão mais prisioneiros!

(Mose pega uma cadeira. Os membros do turbilhão entram em cena. Mose move a cadeira até a parede do fundo, embaixo da câmera.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Eakins!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Pense antes que você—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Não aja com pressa!

(Mose sobe na cadeira. A equipe do restaurante começa a notar.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Contrapor injustiça com injustiça leva a—!

BOB 1: Homem da frente!

BOB 3: Homem da frente, o que você—?

MEMBRO DO TURBILHÃO: Liberdade sem disciplina recai em caos!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Possibilidade não é licenciosidade!

MOSE (*para a equipe do restaurante*): Mesmo se for por dois minutos, você, e você, e você—

(*indicando os três membros da equipe*)

—vocês poderão pegar alguma coisa para comer.

(*Mose alcança, remove a câmera do muro. Desce da cadeira.*)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você tem um contrato com o seu empregador!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Sua palavra é o seu contrato!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Isto não é sua propriedade!

(*Mose arrebenta a câmera contra o chão.*)

MOSE: Ok...!

(*tornando-se inseguro*)

Ok... Caras, eu, por vocês... Eu nunca—

MEMBRO DO TURBILHÃO: É uma coisa ótima e magnífica revidar contra a opressão!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Você lutou por seus princípios—!

MEMBRO DO TURBILHÃO: Levantou-se nobremente pela nobre igualdade humana!

MEMBRO DO TURBILHÃO: A única coisa necessária para o triunfo do mal é que homens de bem fiquem em silêncio!

(*pausa*)

MOSE: Obrigado.

(*para a equipe*) Então, Ok...! Caras, agora vocês podem—

(*A equipe ataca Mose, batendo e chutando ele. Ele é espancado até o chão. Gobetz entra correndo.*)

GOBETZ: Hei — o que? A imagem caiu!

(*Gobetz vê o corpo estendido de Mose, a câmera ao seu lado.*)

O que — o que aconteceu aqui? O que...?

(*Pausa.*)

BOB 1: Ele caiu da cadeira.

BOB WEAVER: Caiu bem feio!

GOBETZ: Eu – eu estou vendo! É – é terrível! Ele está Ok?

(Bob 3 se ajoelha até Mose, olha, balança sua cabeça.)

Oh, meu–

BOB 3: Caiu bem feio.

GOBETZ: Então, o que...? Quer dizer... Mas – aconteceu. Acontece todo dia! Acidente industrial. O sal de mesa armazenado lá em cima.

(Bob 3 coloca a cadeira ao seu lado, próximo do corpo de Mose.)

Eu tenho que chamar a polícia.

(Gobetz começa a sair – então para quando Bob 1 pega a câmera.)

BOB 1: Olha. A câmera quebrou.

GOBETZ: Hum.

BOB 1: Ainda funcionando. Ainda inteira.

(Bob 1 e Gobetz olham uma para o outro. Bob 1 derruba a câmera, quebra ela com seu pé. Olha para Gobetz.)

Ele – ele deve ter caído em cima dela.

(Bob 1 dá a câmera para Gobetz.)

GOBETZ: Sim. Caiu bem feio.

(Gobetz se vira para sair, para, olha para a equipe.)

BOB 1: Você vai ter que comprar uma nova.

(Gobetz sai.)

Ok!

(A equipe retorna ao trabalho. Bob Weaver avança até Mose e pega seu celular de seu bolso. Então retorna ao seu posto.)

Hei, Bob Weaver... Você tem aquele tapenade de azeitona?

(Bob Weaver acena. A equipe trabalha. Pausa. O turbilhão vem para frente.)

MEMBRO DO TURBILHÃO: Duas horas depois, Jack Gobetz está na delegacia de polícia.

(Gobetz senta-se ereto na cadeira que restou, entre DOIS POLICIAIS.)

GOBETZ: ...terrível... Terrível! Foi uma terrível tragédia... Uma cara legal, um cara muito legal... Realmente querido pelos clientes... Sempre alegre, sempre pronto para ajudar.

POLICIAL 1: Então por que você acha que ele estava escalando daquela maneira?

GOBETZ: Provavelmente procurando por um ingrediente em uma estante por lá... Ele estava ajudando os caras na cozinha... Sempre disposto a ajudar... Eu estava tentando ajudá-lo, também, se você se lembra... Tirei ele do parque. Um sem-teto, lembra. Não tinha nada.

POLICIAL 2: Sim. Nós vimos nos registros.

GOBETZ: Eu pensei que podia fazer algo por ele. Então, vocês, hum, acham que vai ter algo tipo uma autópsia aqui?

POLICIAL 2: Nós – em casos assim, caras com nenhuma conexão, não há razão.

POLICIAL 1: Não é um uso sábio dos recursos públicos.

GOBETZ: Hum. Terrível... Escute, obrigado, rapazes. Não deve ser fácil para vocês.

POLICIAL 1: Só fazendo nosso trabalho.

GOBETZ: Passem lá mais tarde, se quiserem. Nós temos um bom cordon bleu no menu hoje. Bem saboroso.

(Gobetz se levanta, começa a sair.)

POLICIAL 2: Hei, Jack – uma coisa que não conseguimos encontrar. Como era o nome do cara?

GOBETZ: Não sei... Ele não disse.

POLICIAL 1: Você nunca perguntou?

(Os três olham um para o outro, então se separam. Um por um, todos os membros do elenco vêm à frente e juntam-se ao turbilhão enquanto falam.)

1 MEMBRO DO TURBILHÃO: Escute aqui! Mose Eakins era o maître d' do muito popular restaurante Chez Jackie—

2 MEMBROS DO TURBILHÃO: —um lugar de luxo especializado em comida simples e camponesa da região francesa do Languedoc.

3 MEMBROS DO TURBILHÃO: Amado pelos clientes do restaurante, Eakins se encaixou facilmente–

4 MEMBROS DO TURBILHÃO: –com os homens de negócio e socialites que frequentavam o restaurante.

(Mose junta-se ao turbilhão.)

4 MEMBROS DO TURBILHÃO MAIS MOSE: Jack Gobetz – Jackie, do nome do restaurante – estava orgulhoso por ter descoberto Eakins–

5 MEMBROS DO TURBILHÃO MAIS MOSE: –quando Eakins, sem-teto e vivendo com uma mão na frente e outra atrás no Parque Leddy, estava trabalhando como um artista de rua.

TODOS OS MEMBROS DO TURBILHÃO MAIS MOSE: Disse Gobetz, “eu imediatamente reconheci os dons naturais de Eakins.” Eakins era um trabalhador diligente e um membro bem quisto do dedicado quadro de funcionários do restaurante–

(Mose sai do turbilhão, vira-se para ele.)

MOSE: Não! Negativo...!

(pausa)

TODOS OS MEMBROS DO TURBILHÃO: Eakins–

MOSE: Isto não é...!

(pausa)

TODOS OS MEMBROS DO TURBILHÃO: Eakins era–

MOSE: Vocês não sabem.

(pausa)

TODOS OS MEMBROS DO TURBILHÃO: Mose Eakins era–

MOSE: Vocês não sabem!

(Pausa.)

TODOS OS MEMBROS DO TURBILHÃO: Mose Eakins é–

A LUZ SE APAGA

REFERÊNCIAS

DARA, Evan. *Provisional Biography of Mose Eakins* (2018). Website:
<http://aurora148.com/eakins.php> .